

## SOLUÇÕES 1

1 — Cada casal da equipe terá encontrado, sem dúvida, um ou vários casos, senão iguais, muito parecidos com este. Trata-se de dar a cada um a oportunidade de contar suas experiências.

Este fato, tomado em conjunto mas não em todos os seus pormenores, demonstra a situação existente em 75 a 80% dos lares bons. A experiência permite fazer esta afirmação.

2 — Trata-se aqui de ver, de analisar bem o fato e de observar e comentar em conjunto as queixas de Marina e de Paulo.

*Queixas de Marina* — Paulo raramente está em casa (embora não seja infiel). Não fala de seus negócios ou problemas com a esposa; se bem que tenha um bom salário, que em parte guarda, não lhe dá dinheiro suficiente. Não se interessa o bastante pela esposa e pelos filhos. Não tolera que ele lhe faça observações. Não quer mais filhos. Os três que possui já lhe dão muita dor de cabeça. Vive descontente com suas roupas, com a casa e com o marido.

*Queixas de Paulo* — Sua mulher lhe custa caro... Descuida do aseo da casa e do cuidado pessoal. Os meninos são malcriados. Acha-a muito exigente não gostando que ele saia muito de casa. Encontra-a quase sempre de mau-humor, descuidada e chorando por qualquer observação.

— JULGAR — a) MARINA parece exagerada em certas queixas. Muitas têm fundamentos mas outras são um tanto inúteis.

Dá muita importância à beleza da casa e de suas roupas.

Verdade é que se encontra sempre presa em casa e que os filhos lhe criam um problema, devido à pequenez da moradia. Entretanto, com melhor compreensão do seu papel de esposa e de mãe e maior confiança na Providência, poderia ter mais alegrias na vida.

b) Ela tem razão de queixar-se. Paulo é realmente egoísta, não se interessa pelo lar, pelos filhos e sua esposa para ele é somente a dona da casa e um objeto de simples satisfação carnal.

c) Mas, em compensação, Marina também tem culpa. Devia ser mais cuidadosa consigo e com a casa; esforçar-se em melhor compreender o esposo e, vamos e venhamos, ver que o homem não pode ficar todos os dias em casa. Devia ser mais alegre e saber

entreter o marido com assuntos que o interessem e não falar só nos eternos problemas domésticos. Finalmente, é exagerada nas suas exigências materiais e sentimentais.

PAULO também tem culpa, e maior ainda porque, como chefe do lar, tem maior responsabilidade.

a) Deveria interessar-se mais pelo seu lar, permanecer mais em casa, ajudando a esposa a enfrentar as responsabilidades da educação dos filhos, compenetrar-se de que esse dever pertence tanto a ele quanto à esposa. Compreender que o matrimônio os uniu para que se ajudem mutuamente moral, espiritual e materialmente e não apenas para satisfazer seus caprichos e instintos.

b) Engana-se ao pretender não falar com ela sobre seus negócios e em gastar parte do salário, sem lhe dar nenhuma satisfação. Sem dúvida esta é uma das causas importantes do desgosto em que vive.

c) Entretanto, não possui toda a culpa. Se Marina fôsse realmente uma esposa mais cumpridora dos deveres faria da vida familiar uma coisa mais atraente para Paulo e lhe facilitaria o esforço da mútua compreensão.

Enfim, uma séria preparação para o Matrimônio teria contribuído imensamente para prevenir esta situação. Amavam-se muito sentimental e fisicamente antes do matrimônio, mas não haviam estudado reciprocamente seus caracteres, qualidades e defeitos e o profundo e verdadeiro sentido cristão deste Sacramento. Não haviam compreendido que seriam felizes se fizessem um esforço consciente para se melhorarem mutuamente, suportando-se cristãmente um ao outro.

Não resta a menor dúvida de que uma casinha mais agradável, mais cuidada, um ambiente mais familiar, uma preocupação maior de viver contentes com a condição e uma mentalidade mais econômica, teria suavizado, senão evitado por completo tal situação. É sabido que as condições materiais insuficientes trazem sempre consigo uma repercussão moral profunda no lar. Tensão nervosa, fadiga moral, conduzindo ao esgotamento, formam um clima familiar desfavorável que em nada ajuda a manter a calma e o controle de si mesmo, tão necessário para o bom entendimento e a educação dos filhos.

PARA REMEDIAR praticamente esta situação seria necessário:

a) colocar-se francamente, face a face, coração a coração e frente ao matrimônio como Sacramento, considerando suas exigências. Veriam assim o que está faltando de uma e de outra parte e em que condições poderiam voltar a encontrar a felicidade conjugal, prestes a abandoná-los.

b) Uma revisão dos problemas materiais lhes faria bem. Um dos mais graves é a falta de casa própria. Seria necessário providenciar a solução, procurando adquirir uma casinha para nela formarem o verdadeiro lar. Os outros problemas familiares parecem subordinados a êste. Assim, o chefe de família, já possuidor de sua casa, torna-se mais interessado no seu trabalho e nos problemas sociais, torna-se mais equilibrado, econômico, mais esperto, não dando ouvido a falsas doutrinas, tornando-se melhor pai, melhor espôso, melhor cidadão e melhor cristão.

c) E, finalmente seria ótimo se tomasse parte nos movimentos que contribuem para se educar neste sentido.

Explicar brevemente o que é o Movimento.

## SOLUÇÕES 7

### S O L U Ç Õ E S

- 1 — Infelizmente, na maioria dos lares se verifica que não há dinheiro suficiente; êle se acaba muito depressa. — Mas que, fora os gastos fixos, tais como aluguel, alimentação, luz, gás, não se sabe exatamente quanto custam as necessidades essenciais da vida. — Tem-se a impressão de não o haver mal gasto, mas também não se sabe o que se fez com êle.
- 2 — Ter um orçamento familiar é, primeiramente *prever* as entradas e saídas e ajustar umas às outras. — É saber exatamente, de antemão, que parte do ordenado se pode dispor para tais gastos. Na situação atual do país é impraticável um orçamento fixo. Nada impede contudo que diante de um conhecimento do dinheiro que deve entrar e das coisas que devem ser adquiridas ou pagas, se faça um planejamento de como empregar o dinheiro. — Assim a pessoa que faz bem seu orçamento sabe que deve conservar tal quantia para a roupa, tal outra para a manutenção da casa, outra para a alimentação. — Assim poderá organizar-se para não ser apanhado desprevenido, e criar dívidas. —
- 3 — Peçamos conselho aos que têm um orçamento e qual sua opinião. — Um orçamento familiar é necessário para todos os que tomam a peito fazer uma boa administração de seu ordenado. — É a única maneira de fazê-lo render utilizando-o de u'a maneira ordenada e inteligente. —

O êxito de todo negócio financeiro, grande ou pequeno, se assenta sôbre a boa organização do orçamento. —

Em uma indústria, por exemplo, tanto por cento é destinado aos salários, tanto à manutenção, tanto a melhoramentos, etc. — É seguindo ao pé da letra estas previsões que o industrial se assegura um resultado satisfatório no fim do ano e provê ao desenvolvimento de sua empresa. —

Quanto menores forem as entradas de dinheiro, tanto mais necessário é um orçamento bem estabelecido e seguido ao pé da letra. —

- 4 — Um orçamento bem organizado traz muitas vantagens. — Eis algumas:
  - a) Melhor rendimento do ordenado: "Esticar os cruzeiros";
  - b) Mais bem estar para a família e compras mais inteligentes;
  - c) Mais segurança: sabemos aonde vamos;

- d) Entendimento mais perfeito entre os esposos; não há simulações nem decepções em matéria de dinheiro;
- e) Mais satisfação pessoal: melhoramento dos indivíduos;
- f) Melhor educação dos filhos; exemplo prático de economia. —

5 — Muitas famílias não fazem seu orçamento porque não compreendem sua importância. — Sem dúvida, este não é o maior obstáculo. —

Um orçamento familiar bem conduzido supõe a prática de muitas virtudes que não se obtém de uma hora para a outra. — Logo que se começa é necessário esforço, e muitas são as pessoas que receiam o esforço. — O orçamento supõe a prática de economia. — Suprimir-se-ão de uma parte e de outra pequenos caprichos legítimos ou não. —

É necessário que os esposos tenham *franqueza e simplicidade* para organizar o orçamento. — Tenham o costume de falar e colaborar juntos. —

É preciso também prever e, entre nós, a previsão não é o “nosso forte”. É necessário também ordem e perseverança. — É indispensável, claro, uma anotação sistemática das despesas.

Em uma palavra, para aproveitar as numerosas vantagens que fornece um orçamento, é necessário um esforço constante, e isto em geral nos apavora. —

6 — Que objeções têm nossos casais contra o orçamento?

Façamos surgir as objeções. — Refutêmo-las com tato, mas firmemente. —

As objeções mais correntes são:

- a) Nós experimentamos mas não tivemos êxito. — Perguntar: por que?
- b) Não sabíamos como fazer.
- c) A gente se esquece sempre de anotar certas coisas...
- d) Cansâmo-nos de escrever os gastos regularmente;
- f) Haverá gastos que quererá ocultar ou o marido ou a mulher;
- g) Achava-se o esforço muito cansativo;
- h) O salário é demasiado baixo. — Não se pode!

Quando o salário é demasiado baixo é uma razão a mais para se fazer um orçamento e segui-lo ao pé da letra a fim de tirar melhor partido daquilo que se tem. — É bom e muito útil saber o que nos falta. — *A ignorância e o mais ou menos* não podem nos ajudar.

## SOLUÇÕES 7

### S O L U Ç Õ E S

- 1 — Infelizmente, na maioria dos lares se verifica que não há dinheiro suficiente; êle se acaba muito depressa. — Mas que, fora os gastos fixos, tais como aluguel, alimentação, luz, gás, não se sabe exatamente quanto custam as necessidades essenciais da vida. — Tem-se a impressão de não o haver mal gasto, mas também não se sabe o que se fêz com êle.
- 2 — Ter um orçamento familiar é, primeiramente *prever* as entradas e saídas e ajustar umas às outras. — É saber exatamente, de antemão, que parte do ordenado se pode dispor para tais gastos. Na situação atual do país é impraticável um orçamento fixo. Nada impede contudo que diante de um conhecimento do dinheiro que deve entrar e das coisas que devem ser adquiridas ou pagas, se faça um planejamento de como empregar o dinheiro. — Assim a pessoa que faz bem seu orçamento sabe que deve conservar tal quantia para a roupa, tal outra para a manutenção da casa, outra para a alimentação. — Assim poderá organizar-se para não ser apanhado desprevenido, e criar dívidas. —
- 3 — Peçamos conselho aos que têm um orçamento e qual sua opinião. — Um orçamento familiar é necessário para todos os que tomam a peito fazer uma boa administração de seu ordenado. — É a única maneira de fazê-lo render utilizando-o de u'a maneira ordenada e inteligente. —

O êxito de todo negócio financeiro, grande ou pequeno, se assenta sôbre a boa organização do orçamento. —

Em uma indústria, por exemplo, tanto por cento é destinado aos salários, tanto à manutenção, tanto a melhoramentos, etc. — É seguindo ao pé da letra estas previsões que o industrial se assegura um resultado satisfatório no fim do ano e provê ao desenvolvimento de sua empresa. —

Quanto menores forem as entradas de dinheiro, tanto mais necessário é um orçamento bem estabelecido e seguido ao pé da letra. —

- 4 — Um orçamento bem organizado traz muitas vantagens. — Eis algumas:
  - a) Melhor rendimento do ordenado: "Esticar os cruzeiros";
  - b) Mais bem estar para a família e compras mais inteligentes;
  - c) Mais segurança: sabemos aonde vamos;

- d) Entendimento mais perfeito entre os esposos; não há simulações nem decepções em matéria de dinheiro;
- e) Mais satisfação pessoal: melhoramento dos indivíduos;
- f) Melhor educação dos filhos; exemplo prático de economia. —

5 — Muitas famílias não fazem seu orçamento porque não compreendem sua importância. — Sem dúvida, este não é o maior obstáculo. —

Um orçamento familiar bem conduzido supõe a prática de muitas virtudes que não se obtém de uma hora para a outra. — Logo que se começa é necessário esforço, e muitas são as pessoas que receiam o esforço. — O orçamento supõe a prática de economia. — Suprimir-se-ão de uma parte e de outra pequenos caprichos legítimos ou não. —

É necessário que os esposos tenham *franqueza e simplicidade* para organizar o orçamento. — Tenham o costume de falar e colaborar juntos. —

É preciso também prever e, entre nós, a previsão não é o “nosso forte”. É necessário também ordem e perseverança. — É indispensável, claro, uma anotação sistemática das despesas.

Em uma palavra, para aproveitar as numerosas vantagens que fornece um orçamento, é necessário um esforço constante, e isto em geral nos apavora. —

6 — Que objeções têm nossos casais contra o orçamento?

Façamos surgir as objeções. — Refutêmo-las com tato, mas firmemente. —

As objeções mais correntes são:

- a) Nós experimentamos mas não tivemos êxito. — Perguntar: por que?
- b) Não sabíamos como fazer.
- c) A gente se esquece sempre de anotar certas coisas...
- d) Cansâmo-nos de escrever os gastos regularmente;
- f) Haverá gastos que quererá ocultar ou o marido ou a mulher;
- g) Achava-se o esforço muito cansativo;
- h) O salário é demasiado baixo. — Não se pode!

Quando o salário é demasiado baixo é uma razão a mais para se fazer um orçamento e seguí-lo ao pé da letra a fim de tirar melhor partido daquilo que se tem. — É bom e muito útil saber o que nos falta. — *A ignorância* e o *mais ou menos* não podem nos ajudar.

## SOLUÇÕES 8

- 1 — Estes esposos parecem estar desiludidos e infelizes. De acôrdo com seu ponto de vista, tinham tôdas as razões para esperar uma verdadeira felicidade para seus filhos e se encontram frente a pouca coisa. Os filhos dão a impressão de serem como todos os “filhinhos de papai” que nunca tiveram que se preocupar com nada: egoístas, brigões, exigentes.

O que tem faltado nesse casal é o espírito cristão. Acreditaram que o corpo e a inteligência são o homem todo e esqueceram o principal; a saber — a alma. Os pais esqueceram, em primeiro lugar, a Providência e edificaram seus planos sem contar com Ela.

- 2 — Ana e Luiz cometeram um grande êrro: limitar o número de seus filhos. O salário não era grande. Não tinham uma grande casa. Tinham mêdo dos imprevistos e queriam dar instrução a seus filhos, deixar-lhes algo em herança, etc...

O salário não era considerável. Porém, assim mesmo, havia possibilidade de aumentá-lo. Mais filhos não teriam impedido a seus pais de se aperfeiçoarem, pelo contrário. O problema de uma casa muito pequena, os imprevistos do futuro dos filhos, de sua instrução, de sua educação são reais e angustiantes em muitas famílias, porém *não sem solução* quando se sabe contar com a Providência.

É certo que uma *previsão demasiado humana*, o mêdo de endividar-se e um egoísmo, muitas vêzes disfarçado, impedem a um bom número de casais de realizarem plenamente a missão sublime que Deus lhes confiou no Sacramento do Matrimônio: *multiplicar os cristãos no mundo*.

- 3 — Crescei e multiplicai-vos... tal é o mandamento do Criador.

Formar cristãos, preparar eleitos para o Céu: tal é o papel dos pais cristãos. É, por conseguinte, evidente que os pais devem esforçar-se em educar o maior número possível de filhos. “Possível” não quer dizer unicamente as possibilidades físicas de ter filhos. Não quer dizer, tampouco, que guiados pelo instinto, os esposos devam procriar cegamente.

“Ter a maior quantidade de filhos *possível* quer dizer que sendo tomadas com tôda lealdade as considerações de possibilidades humanas *alargadas pela fé e apoiada sobre Ela*, interpretadas com a ajuda do Espírito Santo e com a graça de luzes e

fôrças dada pelo próprio Sacramento, se esforcem generosamente por cumprir o dever de fecundidade”.

(“Este Sacramento é grande”. A Christian, páginas 182-184. Casterman).

Que diríamos de um Sacerdote que, para evitar trabalho e preocupações apostólicas, restringisse o número de seus fiéis na Paróquia? Que diríamos de um Missionário que se queixasse do número demasiado grande dos que se convertem? Não é assim o caso dos pais que têm medo de ter filhos? Não é, em particular, o caso de Ana e Luiz?

Como não se pode ser juiz em causa própria, deve-se aconselhar fortemente aos esposos que sôbre um ponto tão importante e delicado consultem um Sacerdote que os conheça e em quem tenham inteira confiança. De outra maneira correm o perigo de exagerar as dificuldades e esquecer a Providência.

- 4 — É certo que Ana e Luiz não acertaram na educação de seus filhos. Tinham sonhado em formar homens de caráter, e educaram egoístas. Esses filhos são, talvez, tão infelizes quanto seus pais. Têm no íntimo do coração uma quantidade de motivos para não lhes ter agradecimento, nem respeito.

Os pais foram provedores de bens materiais e intelectuais. Não foram *educadores cristãos*; o que deviam de ser antes de tudo.

Vimos que os pais foram guiados por motivos exclusivamente humanos. Partindo disto, não é exagerado pensar que os filhos tenham sofrido interiormente e que suas mais belas qualidades da alma e da boa vontade não foram exploradas como deveriam ser.

- 5 — O primeiro dever dos pais cristãos em relação a seus filhos é fazer deles *cristãos*, prepará-los a viver como verdadeiros cristãos na vida.

#### *Amor sobrenatural dos filhos*

Os pais, (é sempre bom lembrar), devem ser cristãos em primeiro lugar. Devem aplicar-se a intensificar esta vida e amar seus filhos sobrenaturalmente. Devem exercer-se a sobrenaturalizar este *amor humano* que dedicam aos filhos. Ver a alma sempre através do corpo, esta alma que devem ajudar a viver em estado de graça. Mostrar a seus filhos a diferença entre amar humanamente e cristãmente.

#### *Compreensão*

Os pais têm um verdadeiro sacerdócio a cumprir em relação a seus filhos. São os primeiros apóstolos de seus filhos. Triunfarão tor-

nando-os cristãos com a condição de compreendê-los, primeiro. Para compreendê-los será necessário interessar-se por eles, por seus jogos, por seus problemas, por seus projetos. Ter contatos freqüentes com eles, estudar o caráter de cada um e adaptar-se. *Tornar-se jovens com eles.* É assim, e não de outra maneira, que ganharão sua confiança.

### *Confiança*

Não há educação possível sem confiança recíproca. Os pais devem, portanto, tratar por todos os meios de merecer a confiança de seus filhos. *Nunca mentiras, nunca promessas não cumpridas.* Não discutir com eles mas saber ser indulgentes. Escutá-los com interesse e bondade. É, sobretudo, no problema da pureza que se ganha definitivamente ou se perde a confiança.

### *Dom de si*

Não há educação possível dos filhos sem um dom de si, constante, por parte dos pais. Quem diz *apostolado, sacerdócio*, diz: *dom de si e renúncia total.* Os pais devem convencer-se, cada vez mais, que este *apostolado* com seus filhos é o primeiro dever de sua vida conjugal e deve estar antes do que qualquer outra preocupação.



## SOLUÇÕES 5

NOTA: É preciso salientar que o problema estudado nesta reunião não é a limitação de natalidade e sim a castidade conjugal e o valor do Sacramento.

- 1 — Casos como estes são freqüentes. — Evidentemente os interessados não os proclamam aos quatro ventos e um bom número foge do problema por meios desonestos. — Para os que são verdadeiramente cristãos estas situações implicam em graves problemas pessoais e familiares. — Citemos fatos, e para nossa experiência, ouçamos os que serão contados. —
- 2 — Não há solução humana satisfatória, é evidente. — O conhecimento de si mesmo e de seu cônjuge, o conhecimento das leis do Matrimônio e os esforços pessoais, sem dúvida, ajudarão e são necessários mas não darão uma solução total. — Neste caso o que falta a Mário é conhecer e compreender o Sacramento do Matrimônio, fonte de graças especiais durante tôda a vida e particularmente em casos difíceis como o seu. —
- 3 — O Matrimônio é, em primeiro lugar, a união legítima do homem e da mulher para a procriação. —

Para todos os homens o Matrimônio é um contrato de instituição divina. — Esta instituição remonta à criação do mundo (Casti Connubii). —

Desde o princípio, Deus indicou ao Matrimônio seu fim principal: a transmissão da vida humana. — E lhe imprimiu ao mesmo tempo um amplo caráter de:

- 1 — *Unidade*: União de um só homem e de uma só mulher: “Unir-se-ão o homem e a mulher e serão uma só carne”. —
- 2 — *Indissolubilidade*: União perpétua: “É por isso que o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher”. — “Que o homem não separe o que Deus uniu”. —

Admitindo que o Matrimônio é de instituição divina, daí decorre que por sua própria natureza tem um caráter religioso e sagrado. — Para nós, cristãos, é maior ainda pelo fato do Cristo o ter elevado à dignidade de Sacramento. —

Mas, que é um Sacramento?

Um sacramento, como nos ensinou o catecismo, é um sinal sensível instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo para nos dar a Graça que significa. — No Matrimônio o sinal sensível é o

consentimento mútuo dos esposos, pelo qual êles se conferem mutuamente o direito exclusivo de exigir e o dever exclusivo de cumprir com o ato conjugal. —

A graça que produz o Sacramento do Matrimônio é uma graça de união sobrenatural que eleva a vida dos esposos do plano natural ao sobrenatural, e faz com que ela seja a imagem, o símbolo sôbre a terra do amor de Cristo e de Sua Igreja.

Cristo amou Sua Igreja e deu por ela Sua vida. — Igualmente, a Igreja só vive para o Cristo para ser totalmente d'Ele e estar a Seu serviço. — Ê êste modelo perfeito que os esposos unidos pelo Sacramento do Matrimônio devem reproduzir. — Ê igualmente êste modelo que deve ser reproduzido por suas vidas na terra. —

- 4 — Ê muito importante compreender que a graça do Sacramento do Matrimônio não termina com a celebração do casamento, mas que se estende durante tôda a vida dos esposos para uní-los em Cristo, e garantir-lhes todos os auxílios de que terão necessidade para viver cristãmente sua vida conjugal. —

Estes auxílios são:

Graças de obediência, de castidade e de continência quando necessárias;

Graças de compreensão mútua e amor;

Graças para dar generosamente a vida;

Graças também para que os bens materiais, em grau suficiente, não faltem no lar. —

Para que os esposos contem com o auxílio das graças do Sacramento do Matrimônio é necessário que colaborem:

- a — Esforçando-se em compreender sempre o Sacramento;
- b — Esforçando-se em serem o mais fiéis possível aos compromissos assumidos;
- c — Pedindo continuamente o socorro destas graças através da oração e da recepção freqüente dos Sacramentos. —
- 5 -- A solução real do problema dêste lar só se achará com os socorros da graça. — Compreendem-se e amam-se. — Porque querem viver cristãmente se veem frente a dificuldades humanamente insolúveis. — Então, mais do que nunca, devem compreender que Deus não pede nada impossível, que concede àqueles que Lhe pedem as graças proporcionais às suas necessidades. —

Se os meios sobrenaturais são os primeiros a recomendar-se neste caso, não há por isso que cair no excesso contrário e crer que não existem para êste casal outros meios humanos para ajudar a continência e manter o amor. — Em geral não é aconselhável terem camas separadas e viverem como irmão e irmã. — É fato inegável que permanecem casados. — Nos limites do possível, isto é, na medida em que não se exponham de perto ao onanismo, tôdas as provas de afeto e ternura (beijos, carícias, palavras, etc.) para aumentar a compreensão e o amor não só lhes são permitidas mas até aconselháveis. — Por isso mesmo, deverão redobrar as atenções, os cuidados, as delicadezas de um para com outro. — Tôdas essas provas de amor, tal como o alimento, o nutrem e o intensificam. —

Em tal caso, na medida em que os esposos não descuidem de nenhuma das manifestações de amor a seu alcance, nesta mesma medida crescerá seu amor, se espiritualizará e será para êles um apóio firme para praticar a castidade conjugal. — Tudo isso exigirá esforços, lutas, um permanente recomeçar e o socorro particular das graças do Sacramento do Matrimônio. —



## SOLUÇÕES 6

1 — Que há de anormal nesta família

a) Do lado do pai

Um pai irresponsável, farrista, completamente esquecido da obrigação grave que a ele cabia de prover a subsistência material de seus filhos.

b) Do lado dos filhos

Filhos amargurados, invejosos, sem sólida formação moral, que desprezam seu pai e que nada querem fazer para socorrê-lo na sua velhice.

As causas desta situação podem ser muitas e variadas. A grande responsabilidade recai sobre o pai, que faltou ao seu primeiro dever de chefe de família. Como chegou a isso? A companhia de maus amigos... Um salário insuficiente... Desencorajamento... O desejo de "gozar a vida..." Tôdas estas causas juntas ou talvez uma só delas...

2 — Em virtude do quarto Mandamento os filhos estão obrigados a cuidar de seus velhos pais. Não estão obrigados a tê-los consigo. Razões sérias podem impedir isto... Mas devem assegurar-lhes a subsistência. Doutra forma a atitude dêesses filhos é indesculpável. Mas explica-se muito bem. Não tendo recebido bons exemplos da parte de seu pai; não tendo recebido tão pouco os bens materiais que tinham direito a receber; tendo sofrido de tôdas as maneiras material e moralmente, desenvolvem-se neles o despeito, a amargura, o azedume que os leva a não ter respeito nem piedade por seu pai. Em casos parecidos a reflexão que sai infalivelmente dos lábios dos filhos é esta: "Papai nunca se preocupou conosco; que êle se arranje sozinho".

3 — Não sabemos dar melhor resposta que estas palavras de Leão XIII em sua Encíclica Rerum Novarum: "A natureza impõe ao pai de família o dever sagrado de nutrir e de cuidar de seus filhos. Vai mais longe. Como os filhos refletem a fisionomia de seu pai e são uma espécie de prolongamento de sua pessoa, a natureza lhes inspira a idéia de preocupar-se por seu futuro e de criar um patrimônio que os ajude a defender-se na perigosa travessia da vida, contra tôdas as surpresas da má fortuna". Portanto o pai deve dar a seus filhos: o alimento, a roupa e a moradia. Deve além disso, com seu trabalho, na medida do possível, assegurar-lhes um futuro favorável.

- 4 — Para se desincumbir desta missão os pais têm seu trabalho diário e o fruto do mesmo, seu salário. Leão XIII na *Rerum Novarum* definiu assim o trabalho: “exercício de atividades da vida, mas sobretudo para a manutenção da vida. O trabalho deve ser feito portanto para prover à manutenção da vida e de suas diversas necessidades. Já que o trabalhador não é um ser isolado, mas tem um lar ou se prepara para fundá-lo, é o sustentáculo de sua família e deve velar pela solução de suas diversas necessidades, o que deve ser conseguido pelo trabalho.
- 5 — O salário é a retribuição devida, de justiça, ao trabalho. De acordo com a citação precedente, é fácil compreender que o salário tem um caráter familiar, uma vez que o trabalhador não tem outros recursos, além do seu trabalho, para prover suas necessidades e as de sua família.

O salário justo será, portanto, o que permita ao homem que trabalha “prover a sua própria subsistência e a dos seus. É adquirir com seu esforço um patrimônio, uma propriedade que, sãbiamente administrada, o colocará em situação de fazer frente, fácil e seguramente aos encargos de família” (Pio XI, *Quad. Ano*). —

Daí a necessidade de trabalhar sem descanso para obter salários mais em conformidade com as necessidades familiares dos operários e com o custo de vida. —

Daí também a necessidade de trabalhar com todos os movimentos que se ocupam disto. Obter financiamentos que permitam ao trabalhador chegar a ser proprietário. — Nas condições econômicas atuais os salários não podem subir tão ligeiro e suficientemente para permitir ao trabalhador converter-se, por seus próprios recursos em proprietário de sua casa. Tem necessidade de ser ajudado como é o caso em diversos países. Este problema é capital, pois, segundo os ensinamentos de Pio XI na *Quad. Ano*, não chegaremos a impedir o assalto das “forças revolucionárias” enquanto não tenhamos solucionado o problema da moradia para o que trabalha, no sentido de que o trabalhador seja proprietário de sua casa “unifamiliar”.

(O encarregado explica aqui o que são os financiamentos para trabalhadores e faz discutir êsse ponto).

- 6 — Os abonos familiares não são uma caridade. São um direito. Portanto, algo devido em justiça. Não são eles somente um remédio a todos os males da família, são apenas parte de todo um plano cristão de elevação econômica e social.

“Os abonos familiares são uma compensação concedida pela sociedade, em vista de um bem comum para os pais de família que como conseqüência de suas condições econômicas não podem ganhar o suficiente para prover à sua família numerosa” (Explique e discuta isto).

Deveríamos estar orgulhosos de ter uma lei de abonos familiares; é um benefício e um passo adiante. Infelizmente, em nosso país não é uma lei inteiramente satisfatória, por isso devemos lutar para que o seja.



## SOLUÇÕES 9

- 1 — É necessário por meios concretos e materiais criar nas crianças hábito de obediência, a saber, acostamá-las a fazer tal coisa e a evitar outra...

Impõe-se uma certa aprendizagem nesta idade em que a criança não pode compreender os raciocínios que lhe são feitos.

No caso de Mônica, seria necessário que a mãe a tirasse do armário dizendo: "Não toque". — Depois de alguns ensaios infrutíferos, a menina compreenderá que não pode fazer tal coisa. —

A palmada é necessária algumas vezes, porém não se deve abusar. — Deve ser acompanhada também de razões apropriadas, porque não se sabe em que momento preciso a criança começa a compreender.—

Evitemos os gritos, as cóleras; são sempre prejudiciais na educação. —

Não tentemos, tampouco, corrigir tudo de uma vez. — Ataquemos um ponto preciso e tenhamos a firmeza e a paciência para corrigir totalmente. — Tentar corrigir tudo ao mesmo tempo tornaria a criança nervosa e provavelmente os pais também.

Trancar as portas do armário não é um meio de formação. — É necessário, desde a tenra idade, acostumar as crianças a fazer livremente tal coisa e evitar tal outra. — Não se trata de deixar de propósito tudo à mão dando assim às crianças a ocasião de fazer "más jogadas". — Porém, tampouco, deve-se trancar os armários e tirar tudo de casa como se as crianças fossem ladrões ou vândalos. Isto prejudicará sua educação e formaremos criaturas que não conhecem outras leis senão a força. —

- 2 — Para manter intacta a confiança das crianças assim como para fazê-las amar a verdade, não se deve mentir-lhes nunca em nada, e mais particularmente, em matéria de pureza. — Evidentemente que se dará a resposta proporcionada ao grau de desenvolvimento da criança. — Precisamos convencer-nos de que é necessário falar, que é melhor para as crianças que lhes falemos, ainda que sem muita habilidade, das coisas da vida do que nada lhes dizer. Em nossos dias, sobretudo, é necessário informar as crianças logo que sua curiosidade fôr despertada senão as exporemos a

serem mal iniciadas por seus companheiros de classe ou de brincadeiras. Ao informar nossos filhos, proporcionalmente a suas idades, dizendo-lhes tudo o que eles querem saber, não nos conformemos em dar-lhes explicações meramente materiais, mas façamos-lhes ver em tudo isto o plano de Deus e o lado moral.

Não deixemos que as crianças fiquem com a cabeça cheia de problemas a respeito do nascimento das crianças ou de outros seres. Nada mais perigoso para sua virtude. Criar no lar uma atmosfera de franqueza, de simplicidade e de respeito é ainda o melhor meio de preparar nossos filhos a permanecerem puros.

Eduardo não é, provavelmente e, talvez com certeza, um “menino vicioso”. Sua mãe, em vez de zangar-se e de entristecer-se, deveria assegurar-se primeiro de duas coisas:

a) Seus órgãos estão completamente limpos e lavados em todos os recantos? Uma falta de higiene, neste sentido, pode produzir pruridos .—

b) Suas roupas não são demasiado apertadas, ocasionando-lhe mal estar e fricções que tenham provocado na criança o hábito de tocar-se? Se nem uma nem outra coisa existe, pode ser que isto seja um mau costume. — Ter-se-á, então, que:

1 — Não fazer drama por isso. — Sobre tudo não perturbar sua consciência com problemas de pecado.

2 — Vigia-lo sem que perceba.

3 — Distraia-lo e providenciar para que brinque muito.

4 — Vigiar o estado de saúde da criança. — Curá-la se fôr o caso. — As crianças débeis, ou demasiado tranqüilas, estão mais expostas do que as fortes e turbulentas. —

5 — Se o hábito persiste, exortá-la, porém sem alteração e sem severidade para não matar sua confiança. —

6 — Corrigi-lo, dando-lhe palmadas nas mãos, pode ser eficiente como no caso da criança que põe os dedos no nariz.

3 — José tem razão de aborrecer-se. — Um menino desta idade tem necessidade de companheiros. — Tem necessidade de brincar. —

Sua mãe é, para êle, uma pessoa enjoada que se mete em tudo que lhe diz e que é contra todos seus projetos. — A mãe não compreende seu filho. — Pensando ajudá-lo, incomoda-o. — Seria necessário que ela percebesse que a brincadeira, as iniciativas pessoais, o barulho e a ação são indispensáveis a seu filho: — que lhe dê oportunidade de fazer o exercício que precisa, mesmo que suje suas roupas ou a casa, mesmo que freqüente amigos mais mal educados, conquanto não sejam maus. —

Esta atitude dos pais tem conseqüências graves para as crianças que sentem depressa que seus pais não os compreendem, que

esqueceram de rejuvenescer-se; e se fecham então; tratam de enganá-los e se desprendem do lar.

- 4 — Celina é mentirosa: é um defeito feio que tem de ser corrigido, porém não pensemos crorigi-lo de uma vez porque necessita tempo. —

A natureza ainda tem más inclinações, mais ou menos acen- tuadas, conforme os indivíduos. — Outras causas vêm juntar-se a esta, agravando-a: —

1 — O exemplo dos pais que mentem por tudo.

2 — Severidade excessiva que incita as crianças a temerem seus pais; um castigo sem proporção com a falta leva as crianças a dissimular cada vez mais.

3 — O mêdo das brincadeiras e do ridículo.

4 — Uma imaginação demasiado fértil que leva a criança a exagerar.

Depois de encontrada a causa, é preciso suprimí-la. — Apli- car-se em seguida a incitar as crianças a dizer a verdade. — Mos- trar-lhes as vantagens da franqueza, rodeá-las de uma atmosfera de bondade e confiança. — Depois, como em qualquer outro aspecto da educação, armar-se de paciência. — Se a criança tem simplesmente tendência a exagerar, sem a ridicularizar, levá-la e ajudá-la a ver os fatos como são. — Essa tendência a exagerar deve ser vigiada e corrigida com doçura e perseverança porque pode ser o início de uma deformação que pode tornar-se incorri- gível e que fará mal à criança a vida tôda. —

## SOLUÇÕES 10

1 - Cada um de nós tem ouvido, com certeza, de u'a maneira ou de outra, conversas como estas. Também pode ser que nos aconteça ter ouvido algumas que se pareçam singularmente.

Pela reflexão da criança, é fácil ver que a obediência não é seu forte. Nada de surpreendente nisso, já que a resposta da mãe nos mostra bem que não sabe mandar. Regra geral, quando a criança tem dificuldades em obedecer, é culpa de quem manda. Por outro lado não devemos esquecer de considerar que nossa natureza decaída é muito independente, revolucionária e que a submissão pede sempre esforços. A criança está inclinada muito naturalmente à falta de submissão, à desobediência.

A obediência não se obtém, não se compra. É necessário que os pais a obtenham e a mereçam por um conjunto de qualidades e de virtudes que levarão as crianças não só a submeter-se, como a obedecer com alegria e com amor.

É de absoluta necessidade que os pais compreendam bem que a autoridade é um poder que lhes vem de Deus e que lhes foi confiada para o bem humano e sobrenatural de seus filhos.

Ela lhes foi dada para servir os interesses de seus filhos e não para dominá-los e para fazer-se servir. Os pais que assim entendem a autoridade, a exercem com respeito e justiça.

A obediência é a virtude que faz com que as crianças se submetam a seus pais, em tudo que fôr bom, porque estes representam a Deus.

Eis aqui algumas regras que nos ajudarão a ter autoridade sobre nossos filhos e a exercê-la dignamente:

a) reconhecer, nós mesmos, *tôda autoridade legítima*. (Leis de Deus, da Igreja, Leis civis e submetermo-nos sem protestar).

b) não mandar a "torto e a direito", sem motivo.

c) fazer com que a criança compreenda e deseje aquilo que se quer que ela faça, para isto *raciocinar* com ela.

d) respeitar-se a si mesmo (não gritando, não dizendo palavras vulgares nem discutindo) e respeitar a criança, falando-lhe como a um ser responsável, inteligente e não com palavras cheias de raiva e de ameaças.

e) mandar com firmeza e doçura, porém com segurança de sermos obedecidos. Não devemos dar jamais uma ordem em tom de súplica: não mendiguemos a obediência.

f) saber de antemão exatamente o que queremos e não voltarmos atrás uma vez a ordem dada.

g) mostrar a obediência como virtude necessária para formar homens; para adquirir costumes de ordem, de disciplina, etc..

h) não esquecer os motivos sobrenaturais da obediência; mostrá-la como a virtude cristã por excelência, a que resume mais especialmente a vida de Jesus.

“...E lhes era submisso. Fêz-se por nós obediente até a morte”. Por favor, não invoquemos os motivos sobrenaturais em tom choroso, ou quando estamos aborrecidos. Os motivos sobrenaturais devem ser usados na calma, no respeito, na serenidade. Não os misturemos às nossas brigas; perderiam toda sua eficácia.

i) por fim, sermos justos e não abusarmos daquele que obedece mais facilmente. Pode ser que haja muito de verdade na reflexão dessa criança: “sou sempre eu que faço tudo”.

j) repetir, repetir sem cansar, com paciência e doçura: são geralmente os pais que capitulam frente aos filhos.

2 — Todas as reflexões citadas mais acima (no n.º 2 de “Reflexões”) são falsas e provam que não se compreende a importância da educação religiosa de nossos filhos, ou que, pelo menos, não se sabe que esta educação deve fazer-se desde o despertar da razão.

a) engana-se quem deixa para o colégio a oração da manhã de seus filhos. Se não se acostuma a criança a rezar logo que se levanta, pode-se contar que a criança, quando não fôr mais ao Colégio, não fará mais sua oração da manhã.

b) O pai se engana; não é nunca cedo demais para fazer rezar as crianças. São batizadas; desde pequeninos portanto são capazes de ter uma certa compreensão do alcance das orações que dizem. Adaptemos contudo a oração em qualidade e quantidade de acordo com o desenvolvimento da criança. O colégio não substitui a família: completa-a sem que os pais deixem de ser os primeiros responsáveis por seus filhos. É em casa que se deve dar a primeira educação religiosa. Se esta falta, nada pode substituí-la. A educação religiosa, dada no lar, é a única durável. Não sejamos negligentes nisso.

c) Tratando-se do *domínio de si, dos sacrifícios*, assim como da oração, não é nunca demasiado cedo. Acostumar a criança a dominar-se, a fazer sacrifícios para outros ou para uma causa bela; eis aí a base de toda educação verdadeiramente cristã. É também o meio por excelência de formar a criança em quase todas as virtudes, fazer dela um homem.

Não apresentemos jamais “o sacrifício pelo sacrifício” mas sugiramos os motivos: ser melhor, dá gosto ao Menino Jesus, ou a Jesus Adolescente, merecer graças para si ou para os outros.

Despertemos na criança o espírito de apostolado para com seus companheiros, em lugar de deixar-se levar por êles, dar-lhes a preocupação de levá-los ao bem. A criança que se sente responsável por seus irmãos e por seus companheiros terá a preocupação de estar à altura de sua responsabilidade.

3 — a) Eis-nos aqui frente ao maior problema das crianças entre 7 e 14 anos: a luta pela pureza.

Essas mudanças de atitudes na criança são muito significativas. Não nos vangloriemos. Não pensemos que tais coisas não podem suceder a nossos filhos. Sem nervosismo, estejamos contudo atentos para captar seus problemas e ajudá-los desde o comêço.

Não há que se surpreender exageradamente porque se processam mudanças físicas na criança: é a passagem da infância à adolescência. É a puberdade, e, ao mesmo tempo, o *despertar das paixões*. O rapazinho experimenta um conjunto de sensações e de fenômenos novos que o perturbam e o desorientam, se não é orientado e guiado. Acrescentemos o contacto com os companheiros que não se pode evitar sempre e a debilidade da natureza decaída... Isto é bastante para criar problemas às nossas crianças.

Recordemos isto:

Frente a uma falta contra a pureza não se deverá castigar severamente em seguida, nem vigiar como a polícia. *Vigiemos com caridade e paciência, ensaiemos* ganhar a confiança e provocar confidências. Isto será geralmente possível se desde cedo se haja sabido falar a nossos filhos e abrir seus corações. Que o pai fale a seu filho como a um amigo, e êsse “de homem para homem” ajudará ao jovem em suas lutas. Evitemos os dois extremos: não os culpemos com excesso, tampouco não façamos como se ignorássemos a falta tendo um ar despreocupado.

Mostremos à criança a seriedade de sua falta, mas sem histórias do diabo, do inferno, ou do Sr. Padre que vai “ficar bravo na confissão”. Mostrem-se as conseqüências que a falta terá sobre seu corpo. Mostre-se, sobretudo o verdadeiro sentido da pureza, que é manter a ordem estabelecida por Deus no uso dos órgãos sexuais. É por excelência a virtude dos fortes, a que a Santíssima Virgem e o Menino Jesus amam mais particularmente.

Acostumemos nossas crianças a recorrer a meios sobrenaturais em suas dificuldades: sacrifícios, orações, sacramentos e apostolado. O apostolado é um meio excelente de fazer reagir os jovens e ajudá-los a permanecer bons.

Não desprezemos, de nenhuma maneira, os meios naturais: higiene, alimentação apropriada, sono suficiente, jogos. Fazemos

temer e odiar a ociosidade. Criemos no lar uma atmosfera de pureza e simplicidade, de respeito ao corpo. Não fazer mistérios, nem conversar a meia voz, nem palavras de duplo sentido... Ensinemos a nossos filhos a serem chefes, a não se deixarem influenciar pelo primeiro que aparece.

b) A moça já lhe agradam os rapazes, mas claro, não há que se surpreender por isso, nem "culpá-la". A mãe se fará mais que nunca a amiga de sua filha e lhe explicará em conversa simples sem sermões, o que se passa nela: o verdadeiro sentido do amor, sua beleza, sua grandeza, seu fim. Deve também pô-la em guarda, sem amargura, contra a outra face do amor: os amoricos, os flirts, e explicar simplesmente, mas claramente, de acôrdo com sua idade, como tudo isso pode ser um perigo para ela.

Tudo isso deve dizer-se em muitas confidências, com o fim de criar entre êles a *intimidade* e a *confiança*. É assim que os pais se aplicarão para prevenir quedas. A oração, o sacrifício, o apostolado, o trabalho, devem ser mostrados à menina como meio de alcançar seu perfeito desenvolvimento e preparar-se para o papel que mais tarde deverá desempenhar na vida.

4 — a) Os pais dessas crianças faltam a seus deveres não se interessando no trabalho de seus filhos no Colégio e não os ajudando. O Colégio não substitui os pais, não tira suas responsabilidades, vem sômente ajudá-los no desempenho de suas funções.

b) Isto quer dizer que os pais devem colaborar estreitamente com o Colégio. Primeiramente devem saber a que professores ou professoras confiam seus filhos. Para isto se impõem contactos pessoais entre os pais e os professores.

— Contactos individuais

Visitas dos pais aos professores e dos professores aos pais.

— Contactos coletivos

Colaborações com as associações de professores e pais. Os pais devem também saber o que fazem seus filhos no Colégio. Os boletins mensais são feitos para facilitar o contrôle. Os pais devem também apoiar sempre a autoridade dos professores, mesmo quando êstes tiverem errado. Não os critiquem jamais diante das crianças. É necessário, além disso, que os pais ajudem, mas não substituam, aos filhos em seus deveres e em suas lições em casa e que favoreçam de tôdas as formas o trabalho da criança. Organizem o trabalho para que se faça à hora fixa e procurem dar à criança todo o silêncio e tranqüilidade necessários para fazer bem seus trabalhos.

## SOLUÇÕES 11

### 1.º CASO:

Ambas as senhoras estão igualmente equivocadas. A primeira parece ignorar, ou não se importar, com o perigo que os meninos dessa idade correm por terem um contacto permanente com o sexo oposto. A segunda, também. Sistemáticamente não se devem separar os meninos de ambos os sexos.

O amor é uma coisa sagrada, que Deus colocou no coração do homem. Não é um egoísmo para satisfação pessoal e, sim, um dom a fim de que ele próprio se realize. É preciso distinguir o amor do atrativo sexual. Não se deve brincar com o amor. É preciso demonstrar-lhe quando um amor é contra-indicado e como fazer para evitá-lo.

É necessário conversar muito com os adolescentes sôbre todos os problemas que surgem nessa idade. É necessário conversar com êles de u'a maneira que lhes inspire confiança, provoque suas confidências, demonstre-lhes sua amizade e seu respeito. Nunca falemos em tom de reprovação ou resmungando.

Eis os temas a serem tratados conforme as necessidades e aproveitando-se dos acontecimentos comuns da vida: um casamento, os namoros observados entre os jovens do mesmo ambiente, um tal que desperdiça sua vida, etc..

O noivado é uma preparação imediata para o casamento. Deve ser contraído sômente pelas pessoas que pensam em casar-se sèriamente e num futuro bem próximo. Priva-os de uma série de vantagens que muito beneficiam a um jovem coração livre e é um perigo para as almas.

As principais desvantagens do noivado precoce são as seguintes:

- 1 — Tiram os jovens do seu meio e os privam de amizades preciosas. Os jovens e as jovens normais se afastam dos casais de namorados.
- 2 — Êsses noivados prejudicam os estudos e o trabalho.
- 3 — É só excepcionalmente que um homem se casa com a moça que é sua noiva desde a adolescência.
- 4 — Os noivados prematuros fazem envelhecer antes do tempo. Pois

moça de 20 anos que é noiva desde menina, possui uma mentalidade mais forte do que a sua idade e parece mais velha junto aos que a rodeiam.

5 — Por fim, é preciso mostrar-lhes a dificuldade que existe para manterem-se puros devido às circunstâncias.

Mostremos, também, que não devem noivar antes de terem refletido bem sobre a vocação para a qual Deus os chamou, antes de ter consultado as pessoas capazes e rezado muito. Sem isso, muitos correm os riscos de arruinar seu futuro. Façamos ver aos jovens a excelência da vocação sacerdotal. O imenso campo de ação que se abre para os que se consagram, as nobres alegrias que possuirão e a sublimidade dos sacrifícios que aceitam. Façamos ver ainda que a atração não é a única razão para decidir de uma vocação e que é preciso ter em vista as atitudes pessoais e consultar pessoas de experiência.

O casamento é uma verdadeira vocação, é santo porque nêle os esposos devem e podem santificar-se. É necessário preparar-se cuidadosamente para gozar da felicidade humana e alcançar o fim para o qual foi instituído. Preparemos também os jovens para o celibato no mundo, quando livremente eleito e aceito, pois também é uma vocação e muito bonita, na qual muito bem se pode fazer.

c) Deve-se permitir aos rapazes e às moças encontrarem-se em grupo, tanto em suas atividades sociais como em nossos lares. Estes contactos organizados são muito necessários a fim de preparar a juventude a dominar-se com relação ao outro sexo, a respeitarem-se e a compreenderem-se mutuamente.

A fim de que êsses encontros sejam proveitosos, é necessário organizá-los antes, isto é, procurar que os jovens tenham suas atividades: jogos, cantos, esportes, etc.. Nesses encontros, a ociosidade é sempre má conselheira.

## 2.º CASO:

a) O pai não compreende a obrigação que tem de preparar o caminho de seu filho para a vida.

Não compreende, outrossim, a necessidade de uma boa instrução, com base, para ser “alguém” não importa em que esfera.

Infelizmente, estas reflexões são bastante freqüentes.

b) O nível de instrução para a classe operária não é bastante elevado. A classe operária poderia ter um nível de vida material e moral mais interessante e desfrutar de mais felicidade, se os operários fôsem mais instruídos. Não se trata de transformar em advogados os operários, mas falta um nível de instrução que permita aos operários especializarem-se em todos os ofícios, a fim de poderem receber melhor salário e alcançar postos de chefia, de que resultaria um melhor bem para o trabalhador. Os operários de melhor instrução compreenderiam melhor seus deveres e seus direitos. Estariam menos

à mercê dos exploradores e a classe operária seria mais respeitada, podendo gozar melhor do papel que representa na sociedade.

c) O menino que não obtém êxito no Colégio não pode ser deixado à sua vontade. Procuraremos ver a causa do seu fracasso. Uma das razões mais comuns é que não se adapta ao colégio. Pelo contrário, tem sem dúvida alguma, aptidões para um ofício. Trataremos de enviá-lo a uma escola técnica. Um "teste" de orientação profissional de vez em quando prestará muitos serviços. Os especialistas verão o rapaz como êle é e lhe serão sugeridos ou o estudo ou um ofício de acôrdo com suas aptidões e seu gôsto.

### 3.º CASO:

a) Os jovens de 14 anos para cima passam a maior parte do seu tempo livre nos cinemas. Isso é uma verdade. E as razões são muitas:

- 1 — Não sabem como ocupar de outra maneira o seu tempo livre
- 2 — Desejam encontrar-se com colegas de sua idade.
- 3 — São levados uns pelos outros.

b) É bem possível interessá-los em casa. Devemos converter o lar num lugar atraente com uma vida familiar bem organizada. Sejamos os amigos dos nossos filhos e dos seus amigos. Interessêmo-nos pelo que se interessam e saibamos esquecer nossas preocupações para brincar e cantar com êles. Que êles não saibam que nos incomodam, ou que sujam a casa, etc..

d) Não é possível ter os filhos sempre em casa; isso seria impossível e por fim êles próprios se cansariam. É preciso facilitar também os divertimentos fora de casa. Devemos interessá-los em agrupamentos juvenis, esportes, corridas, jogos e permitamos também que se reunam em casa de amigos, nas casas conhecidas.

### 4.º CASO:

a) Esta conversa nunca deveria ter lugar entre um pai e um filho. Os dois estão errados. Mas o pai ainda está mais errado porque, apesar de consciente dos seus deveres, falta-lhe a psicologia. As ordens dadas neste tom não fazem senão revoltar o adolescente.

b) Os jovens não gostam de obedecer. Já o vimos em uma das reuniões precedentes. Revoltam-se; isto não nos deve surpreender. Nessa idade atravessam uma crise de "personalidade". Querem ser homens; procuremos compreendê-los e não nos surpreendamos.

c) Só num caso excessivamente grave é que devemos castigar severamente um adolescente que se revolta. Não pronunciemos palavras fortes. Procedamos com firmeza, mas respeitando sua personalidade. Falemos-lhe como se fôsse um homem responsável e inteligente. Vamos pelo lado do coração e da razão. É preciso, também, fazê-lo compreender que a obediência custa muitas vêzes, mas que enaltece quem sabe obedecer.

## SOLUÇÕES 12

- 1 — Se observarmos em tórno de nós poderemos citar muitos casos análogos. Estas reflexões multiplicadas nos mostram como o tempo livre em nossas famílias é deixado ao acaso e, geralmente, são horas perdidas. O mais das vèzes prejudicam a família em lugar de ajudá-la.

A família, o lar, parece ser uma casa de pensão onde se dorme e se come. Sai-se o mais cêdo possível para descansar ou distrair-se.

- 2 — O tempo livre são as horas que restam, depois do trabalho do pai fora de casa, do trabalho da mãe em casa e dos filhos na escola.

Antigamente, quando os operários trabalhavam das 6 horas da manhã às 10 da noite, voltando exaustos para casa, o problema era diferente. A única forma de ocupar o tempo livre era então... repousar. Hoje, que mesmo os operários trabalham, em sua maioria, 8 horas, o problema das horas livres já se apresenta de modo diferente. Quem trabalha 8 horas em 24 horas não irá dormir tôdas as suas horas livres. Em geral oito horas de sono são suficientes. Contando 3 horas para as refeições e o transporte ficam 4 ou 5 horas por dia, sem contar o sábado à tarde e o domingo, em que mesmo o operário não está absorvido por nenhuma obrigação imperiosa. Deve, de uma maneira ou de outra, encher essas horas livres, pois estas não devem ser um tempo perdido e o repouso não é necessariamente a inação e a preguiça.

O fato de se fazer um trabalho a que não se está obrigado pelo emprêgo (mas que nos interessa e nos é útil) descansa tanto ou mais do que passar as horas matando o tempo ou dormindo continuamente ou não sabendo o que fazer do nosso corpo.

- 3 — Não temos direito de malbaratar as horas livres que nos deixa o nosso trabalho. Temos o dever de utilizá-las, de forma inteligente, para descansar de nossas canseiras, para enriquecer-nos, para dar à nossa família mais comodidade e bem estar, para, em uma palavra, viver nossa vida familiar em tôda sua plenitude.

É um dever, digamos, que decorre da lei do trabalho imposta

por Deus à humanidade. Todos a ela estamos subordinados, ricos e pobres. Descansamos dos cansaços do trabalho para depois trabalharmos mais e melhor. O descanso não tem outra razão de ser e não se realiza quando a ociosidade é nociva, física e moralmente.

4 — Há mil formas, segundo as circunstâncias e os indivíduos de utilizar as horas livres para recuperar as forças, para aperfeiçoar-se a si mesmo, para tornar-se útil, para melhorar a situação financeira da família e cimentar a vida familiar.

Nas horas livres, deve haver um mínimo de distrações e divertimentos necessários ao repouso do corpo e da alma. Outra parte pode ser dedicada a cursos de aperfeiçoamento e a pequenos trabalhos que podem ser uma ajuda à receita familiar.

Examinemos, parte por parte, as reflexões acima citadas e vejamos o que em cada caso devia ter sido feito pelo pai, pela mãe e pelos filhos.

## A MÃE

A mãe, pelas suas reflexões, mostra que não sabe organizar suas horas livres. A mulher que sabe organizar seus lazeres, pode distrair-se ela também com trabalhos: costura, bordados, leituras, música, pintura, decoração, etc., que fazem passar as horas agradavelmente, representando muitas vezes uma economia apreciável e contribuindo para embelezamento do lar e para conforto da família.

## O PAI

O pai não fica em casa, pois nada encontra em casa que lhe interesse.

Se tiver um "hobby", ou algo diferente da sua atividade cotidiana em que se interessasse, seja pequenos trabalhos de carpinteiro, de eletricidade, rádio, mecânica, cursos por correspondência, leitura, música, seja o próprio estudo dos filhos, suas distrações ou um pouco de jardinagem, será melhor.

A casa parecerá então mais atraente, economizará dinheiro e a harmonia se estabelecerá mais facilmente no lar. Sua mulher não poderia lançar-lhe em rosto que vive fora de casa. E pessoalmente se enriqueceria também com conhecimentos e experiências novas e sentiria ainda o orgulho de quem se aperfeiçoa e triunfa. Também descansaria porque de fato tal trabalho é um descanso.

Bem entendido, não se trata de abusar e trabalhar mais nas horas livres do que no escritório ou na oficina. Assim não seria mais descanso.

## OS FILHOS

Os filhos só encontram aborrecimento nas horas passadas em casa porque o pai não suporta barulho. A mãe está sempre demasiadamente ocupada para lhes dar um pouco de atenção e não gosta também que se arranhe o chão encerado e que se estraguem os móveis. O resultado é que os rapazes passam a tarde nos bilhares, cinemas, etc.

Os maiores se aborrecem ainda mais porque não se interessam por coisa alguma depois do seu trabalho, senão em diversões. Para ocupar as horas livres da rapaziada, só há divertimentos.

### DUAS COISAS QUE OS PAIS PODEM FAZER:

#### 1. HORAS LIVRES DE DIVERSÃO PARA OS FILHOS

O pai não só não tem razão de ser ranzinza, mas seu dever é permitir que os meninos se divirtam em casa, mesmo fazendo barulho e trazendo seus amigos. Devem, além disso, interessar-se nos divertimentos de seus filhos, inspirando-os, respeitando a personalidade dos jovens e não impedindo suas iniciativas.

A mãe também tem o dever de organizar sua vida para ter tempo de estar com os seus filhos. Sugerir-lhes tôdas as diversões sadias e, de algum modo, tomar parte nelas. Não descuidar de sua elegância e de fazer a casa mais acolhedora.

Dentre as principais diversões para as quais os pais orientarão seus filhos citemos os esportes praticados com moderação, os bons filmes, os concertos, os cine-clubes, os debates instrutivos e recreativos e as reuniões familiares. Os responsáveis devem explicar o que sejam "reuniões familiares", como é possível divertir-se sem bebidas e sem nada de imoral, como, com boa vontade e com a colaboração de quem queira ceder sua casa, é possível organizá-las, sem muita despesa, mesmo quando se mora em um apartamento bem pequeno. (Ver pergunta 6).

#### 2. HORAS LIVRES QUE APERFEIÇOAM OS FILHOS

Mesmo que os pais organizassem o melhor possível as diversões de seus filhos, faltariam a seu dever se tôdas suas horas livres fôsem ocupadas com divertimentos. Quantos estudos práticos podem ser feitos para completar os conhecimentos do colégio e tornar-se competente em tal arte ou tal técnica! Para jovens de ambos os sexos há cursos noturnos que abrangem várias matérias. Além disso, há os diferentes trabalhos caseiros para as meninas e mocinhas, especial-

mente sob a direção da mãe e que lhes permitirão mais tarde ser mães e donas de casa de primeira ordem, igualmente experimentadas na educação dos filhos e na economia do lar.

Há associações e movimento de jovens como a JEC, a JOC, a JUC, a CJC \*, as Congregações Marianas, por exemplo, que são um complemento indispensável para a educação recebida no lar e um meio eficaz de orientação na vida de todo jovem.

O importante para os pais é não deixar as horas livres dos seus filhos organizarem-se por acaso. Não se conseguirá com isso nada de bom, nem do ponto de vista moral, nem da competência profissional, e eles serão responsáveis por isto.

5 — As horas livres dos jovens são um grande problema para os pais. Citemos certos fatos.

É, em geral, difícil mantê-los em casa. Não se trata evidentemente de retê-los à força. É necessário muito senso de oportunidade para interessá-los. Os pais dever estar em casa muita iniciativa aos filhos, mostrarem-se pacientes, indulgentes e permitir que tragam para casa seus amigos e amigas. Que estes se sintam bem recebidos, que se organizem diversões, etc.. Estes conselhos, com pequenas adaptações, se aplicam também aos menores.

6 — As diversões em família, por causa do problema atual de moradia, são de fato especialmente difíceis de se organizar. Não se diga, porém, que seja impossível realizá-las com boa vontade. Dar exemplos.

Trazem muitas vantagens de diversas naturezas:

- a) Salvaguardam a moralidade: pureza;
- b) Afastam os jovens dos ambientes duvidosos;
- c) Contribuem para estreitar os laços de família e criar um espírito de família;
- d) São muito econômicas;
- e) Protegem os jovens dos abusos tão prejudiciais à sua saúde.

Nos divertimentos em família, não deve haver isolamento. Os filhos podem aprender a divertir-se em casa, é certo, mas não se siolar dos outros. Tenhamos famílias amigas que tenham filhos da mesma idade que os nossos e com os quais os nossos possam simpatizar.

Permitamos que os rapazes e moças se conheçam com naturalidade.

Ao organizar as festinhas levar em conta os gostos de cada um. Organizemos diversões que interessem aos pais, outras para os filhos maiores e outras, também, para os menores.

\* CJC — Comunidade dos Jovens Cristãos. Nascidas em São Paulo, já está funcionando em outros lugares também.

## SOLUÇÕES 13

- 1 — Em geral somos indiferentes à atividade sindical ou profissional, a percentagem dos que comparecem é mínima. —

A maioria só encara a organização profissional pelo que pode tirar dela; não pelo que pode servir aos outros através dela. — Por isso, quase todos só comparecem à organização quando têm um problema pessoal que lhes interessa resolver. — E caso este problema não se resolva, querem pedir demissão, afirmando que a associação não serve para nada. — Esquecem-se das muitas vezes em que foram convocados e em que se lhes pediu colaboração e não a deram porque o assunto não lhes interessava diretamente. Dessa forma é evidente que a organização profissional — que é uma obra de solidariedade e cooperação recíproca — não pode dar os resultados úteis que poderia produzir se todos se ocupassem dela.

Por que se adota esta atitude de desinterêsse? por puro egoísmo? por convicção de que as organizações profissionais não servem para nada? por falta de tempo? por desconfiança sistemática para com elas? por discordância com a orientação que tem tomado?

Talvez essas cinco causas influam. — Mas nenhuma delas é válida. — O egoísmo é um defeito que deve ser combatido com energia pelo seu efeito antisocial em uma época em que é indispensável que todos nos ajudemos uns aos outros. — As associações são absolutamente indispensáveis para defender os interesses do grupo social que representam e para poder melhor resolver os problemas comuns que afetam a todos que desempenham a mesma tarefa. — Por mais ocupado que seja, deve-se encontrar tempo para se dedicar a estes problemas; é sabido que o tempo é elástico: quando se quer realmente fazer uma coisa encontra-se a forma de fazê-la. — Não cabe uma desconfiança sistemática contra as organizações profissionais porque elas constituem uma sociedade natural para a qual o homem se orienta espontaneamente. — Sua atividade é perfeitamente legítima e necessária. — Se se está em desacôrdo com a orientação da direção,

a única forma de combatê-la eficazmente é tratando de substituí-la por sua própria atuação dentro da associação. —

O fundamental é convencer-se que a participação na organização de classe é um dever a cumprir. — Então desaparecerão os pretextos e se verá claramente que os defeitos que existem ou que podem existir nessas instituições ou em sua orientação são inerentes às coisas humanas e muitos dêles são causados pela nossa indiferença. —

- 2 — Infelizmente nossa atitude de abstenção ou de indiferença, total ou parcial, em relação à associação de classe não é única nem isolada. — Muitos, talvez a maioria, pensam e agem desta maneira. —

Mas o fato de ser uma atitude genérica não a justifica nem desculpa. — Pelo contrário, a agrava porque a falta de colaboração se faz sentir muito mais intensamente.

Por outro lado — e isto é muito importante — nem todos têm a mesma indiferença.

Há os aproveitadores que se ocupam dos problemas classistas e galgam postos nas organizações de classe para obter alguma vantagem pessoal: para resolver um problema particular ou, pior ainda, para obter vantagens ilícitas. — Desnaturam assim a organização e a desprestigiam motivando a maioria das crises que às vêzes surgem nesse tipo de instituição. —

Há os que gostam de aparecer, que são capazes de sacrificar seu tempo e suas energias para satisfazer a vaidade de ocupar um pôsto importante e de serem citados nos jornais. — Estragam também o ambiente porque às vêzes, movidos por êsse desejo de se exhibir, são capazes de sacrificar os interêsses gerais da associação contanto que obtenham popularidade. —

Há também os militantes partidários que querem tirar vantagens do ponto de vista político. — O exemplo mais típico é o do marxistas (comunistas, socialistas, etc.) e os dos “trabalhistas”, mas há também outros. — Muitas vêzes êste aproveitamento político se faz de modo muito subtil e eficaz, servindo realmente o interêsse da associação e da classe mas com a finalidade de conquistar fama, amizades ou prestígios que serão utilizados no campo político. —

Tôdas essas diferentes espécies de pessoas que se ocupam das organizações profissionais com outros propósitos que não o de servi-las lealmente, vêem facilitado seu trabalho em consequência de nossa deserção. — Suas presenças indesejáveis não suprem, mas pelo contrário, tornam mais lamentável nossa ausência. —

3 — Temos que focalizar o problema de um modo concreto e pessoal e não somente em teoria e em generalidades. Assim direta e especificamente: eu fulano de tal atuo ou não na associação de minha classe ou profissão?

Convém notar que não basta ser sócio e pagar a contribuição mensal. —

É indispensável preocupar-se com a vida da associação: assistir às assembléias, integrar comissões, ocupar postos de direção, assumir as responsabilidades a que nos levam as circunstâncias. —

Do contrário estaremos deixando o campo livre a quem atua sem escrúpulos ou com intenções deformadas; e o que é pior, prestigiando com nossa presença silenciosa e passiva a ação de dirigentes equivocados ou indignos. —

Para poder cumprir com tôdas as obrigações inerentes a uma participação ativa na marcha da atividade sindical é indispensável contar com a colaboração do cônjuge. Geralmente quem deve atuar no sindicato ou na associação de classe é o marido; mas o problema se coloca às vêzes de modo inverso. — A espôsa muitas vêzes é o principal obstáculo a que seu marido cumpra com seus deveres de membro de uma classe. — A mulher geralmente pensa que tudo o que o marido dedica a êste tipo de atividade é pura perda de tempo e fonte de aborrecimentos. — É necessário reagir contra isto. — Que a mulher se comprenebre também das obrigações e responsabilidades do seu marido nesta matéria. — Que seja um auxílio ao cumprimento do dever e não um obstáculo. — Que não o recrimine do tempo que a isto destina, mas que se interesse por êstes problemas, que o estimule para a ação, que o console dos dissabores que daí lhe podem advir, que o acalme quando se apaixonar indevidamente. — Sua colaboração cordial e efetiva servirá, sem dúvida, para aproximar os cônjuges. —

4 — Tôdas as pessoas têm obrigações profissionais. —

Quando se fala neste assunto pensa-se comumente que ela só interessa aos operários. — Sem dúvida, são êles que mais se devem empenhar na ação sindical para regulamentar equitativamente as condições de trabalho e para obter melhores níveis de vida. — Sem esta união, sua debilidade econômica os expõe a tôda sorte de abusos.

Mas também os empregados têm sindicatos e associações; assim como os funcionários, médicos, advogados, engenheiros, patrões, etc. —

Isto significa que o problema é geral. — Qualquer atividade profissional que se exerça também é exercida por outros, daí nasce a associação profissional. — Praticamente hoje não há

profissão que não seja organizada associativamente. — Mas todos nós temos uma a que nos devemos incorporar. —

- 5 — Se para todos existe a obrigação de se preocupar com a respectiva organização profissional, para os católicos isto constitui um dever estrito. —

A Igreja em suas Encíclicas considera que quem trabalha não só tem o direito mas o dever de unir-se. — Ela vê nas associações profissionais “um meio eficaz para a solução da questão social” por isso exorta e insiste para que todos constituam tais associações. — Se a Igreja insiste assim, está fora de dúvida que o católico tem obrigação séria, e até grave, de responder a seu chamado. —

Por outro lado, é fácil compreender que se nós católicos nos despreocuparmos destas coisas, serão os outros que dirigirão as associações de classe, e que nos levarão, a nós mesmos e a todos nossos colegas, para onde eles quiserem. —

- 6 — O ensino da Igreja é que a associação profissional deve ter caráter confessional.

Sabendo a transcendência que a ação dessas organizações tem ou podia ter sobre a vida de seus associados é compreensível que se deseje que toda a ação da associação profissional seja inspirada por princípios cristãos. —

Por outro lado é sabido que muitos problemas devem encarar-se com um critério moral e, portanto, uma entidade neutra focalizará numerosas questões com critério errôneo ou pelo menos encarando o aspecto meramente econômico. —

Na melhor das hipóteses a organização neutra da associação de classe significa perder uma magnífica oportunidade para entender a ação benéfica do sindicato cristão aos profissionais e suas famílias. —

Daí o fato de que os católicos tenham lutado sempre contra o sindicato único, e pregado a liberdade sindical, com a finalidade de poder organizar seus próprios sindicatos. —

Isto não significa que em determinados problemas concretos os sindicatos cristãos não possam se unir com sindicatos neutros ou de outra inspiração para lograr um objetivo que, sem essa união, não se conseguiria. —

Não obstante em alguns casos e situações, pode não ser conveniente organizar um sindicato confessional quando se conseguiu, por exemplo, uma influência importante no sindicato neutro ou quando a organização de sindicatos confessionais possa levar à desunião e enfraquecimento da associação profissional. — Em tais casos, as próprias Encíclicas autorizam a participação em organizações neutras; aconselhando porém a formar

simultaneamente agrupamentos espirituais e religiosos que contribuíam a preservar seus associados dos perigos da focalização puramente leiga dos problemas profissionais. —

7 — Para saber se o fato de participar na organização profissional católica exclui ou não a participação em uma associação neutra, devemos distinguir dois tipos de organizações confessionais:

— Aquelas que se dedicam puramente a uma atividade espiritual, cultural ou religiosa, sem participar dos problemas pròpriamente profissionais, como as Congregações Marianas.

— Aquelas que atuam diretamente no campo profissional, ocupando-se da defesa dos interêsses profissionais de seus membros, como a JOC (Juventude Operária Católica).

Participar do primeiro tipo de associação não exclui a participação da associação profissional leiga. — Justamente uma das finalidades dessas associações é preservar seus filiados dos perigos das associações leigas de só encarar os problemas profissionais do ponto de vista leigo, e de suprir portanto sua influência nesta matéria.

8 — Qualquer que seja a forma prática em que segundo as circunstâncias e ambientes, devamos atuar, nunca esqueçamos de nossa condição de católicos. —

Nosso caráter de cristãos deve impregnar de cristianismo tôdas as atitudes de nossa vida. —

É necessário ter isto sempre em conta porque às vêzes por contágio de ambiente ou por escassa formação ou por êrro de julgamento encaramos os problemas profissionais, sociais e econômicos com critérios marxistas ou leigos. —

Apesar de devermos atuar com pessoas de distintas ideologias não nos devemos comportar de modo que não se reconheça que somos católicos. — Nossa fé deve ser uma conduta de vida que resplandeça em todos os ambientes em que nos movemos. —

Com maior razão quando estudamos os problemas dentro de um sindicato ou organização profissional, temos a responsabilidade de procurar soluções de acôrdo com nossa doutrina e nosso estilo próprio de vida. —

## SOLUÇÕES 14

1 — A maioria das pessoas está confortavelmente instalada em sua classe social e vive ocupada com seus próprios problemas, com os de casa, seu trabalho, seus amigos e suas diversões. —

Sabemos que não são poucos estes problemas. — Por isso, por mais comodista que seja alguém, por mais que se queira evitar aborrecimentos, cada um no fim do dia recolhe uma boa coleção de preocupações e desgostos. —

Mas não é possível se despreocupar da situação dos muitos outros seres humanos, que estão chamados à mesma vocação divina que nós, que são tão dignos quanto nós, mas que têm além dos problemas que nos afligem a angústia das aperturas econômicas, da incerteza sobre os meios de sustentar a família, a miséria enfim. —

São pessoas iguais a nós, muitas vezes com mais merecimentos, mas que não receberam a graça e a responsabilidade de nascer em famílias, como alguns de nós, com meios econômicos suficientes para custear os estudos de seus filhos ou para arranjar boas situações para eles. —

Outras vezes, são famílias que já tiveram situação econômica equilibrada, mas que por razões de enfermidade ou de morte do chefe da família, de perda de emprêgo ou de crise financeira estão às voltas com uma situação econômica difícil. —

O esquecimento, a ignorância dessas situações não só constituem uma falta de caridade para com nossos irmãos mas uma atitude suicida do ponto de vista social. —

Estas situações de miséria são propícias às grandes convulsões sociais porque o desespero da fome leva ao desespero de querer astisfazê-la de qualquer modo. — O melhor campo para qualquer rebelião social é constituído pelas massas enraivecidas pela angústia da miséria. —

Prosseguir ignorando o problema social preocupando-nos somente em aumentar o conforto de nossa casa ou de melhorar a educação dos nossos filhos, ou melhor meio de organizar uma viagem de recreio ou de brilhar mais na sociedade representa uma posição que não deve perdurar nem mais um dia. —

Todos temos que ter consciência da existência do problema social e das responsabilidades que nos cria. —

2 — A dificuldade de vida é a regra geral para a família de classe média e operária entre nós. —

Em diferentes inquéritos realizados verificou-se que a imensa maioria de lares está em permanente situação de deficit, agravada cada vez mais pelo aumento constante do custo de vida. —

Qualquer dona de casa, de uma semana para outra, sente, quando vai à feira, que cada vez gasta mais ou traz menos para casa. —

As reivindicações de aumentos de salários se sucedem e logo os aumentos obtidos desaparecem com as despesas sempre crescentes. —

Se fôsse feito um orçamento rigoroso do que é necessário a uma família de nível econômico o menor possível para viver atualmente chegaríamos realmente a um salário muito mais alto que o salário mínimo. —

Em inquéritos realizados pelos grupos de "Economia e Humanismo" em São Paulo, que sem dúvida é o estado de nível de vida urbano e rural dos melhores entre nós, chegou-se aos piores resultados quanto ao nível econômico das grandes massas. —

O problema está aí, e temos a obrigação humana e cristã de buscar a solução. Claro que ela não é fácil mas, por favor, não fechemos os olhos à realidade, temos obrigação de procurar resolvê-lo e de dar nossa contribuição para isso. —

3 — Um dos aspectos mais impressionantes do problema social é o das favelas, dos cortiços, mocambos, etc., manifestação da miséria da habitação. —

Basta o menor contacto com o seu ambiente para se ter uma idéia da dimensão e transcendência do problema: a promiscuidade em que vive uma família em um "barraco", as condições infrahumanas da existência de quem nelas vive está aí, a dois passos de nós, clamando para uma solução. —

É evidente que este é um problema cuja solução necessita da colaboração de todos, êle tem aspectos econômicos mas também educacionais. Temos que colaborar na sua solução — estão aí, no Rio de Janeiro, a Fundação Leão XIII e a Cruzada São Sebastião — o que já fizemos para ajudá-las?

Mesmo que julgemos impossível lhes dar nossa ajuda material, já procuramos, ao menos, tomar conhecimento do que fazem, criar um ambiente de opinião favorável às soluções que propõem? Se formos visitar uma favela não com um espírito de curiosidade mas com o espírito cristão de sentir a realidade e procurar conhecer o que fazem estas instituições, estaremos certos de que descobriremos algum meio de colaborar. —

4 -- O problema da miséria tem um de seus pontos mais graves no momento da doença. —

Os que na hora da doença pegam o telefone, consultam um médico e podem comprar todos os remédios por ele receitados, raramente pensam que, em tais circunstâncias, a mais das vezes aconteceria uma das coisas seguintes:

- muitos pais não se atrevem a chamar um médico porque não têm como pagar seus honorários;
- outros têm que satisfazer a uma série de complicadas exigências para obter que o médico do Instituto para o qual contribui venha ver seu filho;
- outros ainda que nem têm telefone, nem Instituto para onde apelar, nem dinheiro para um taxi, têm que chamar o “pronto socorro” mesmo para um caso que não é para este tipo de assistência;
- e outros que não sabem o que fazer diante de uma receita cujo custo fica muito acima de suas posses.

Não se trata, como aliás os demais, de um problema fácil ou simples. — Não se resolve criticando os médicos, os fabricantes de remédios e a organização dos Institutos. — Claro que há abusos, às vezes, mas o certo é que se trata de um problema muito complexo em que intervêm numerosos fatores. —

O importante é que os que estão em condições de estudar ou de contribuir para solucionar o problema o façam. — E que, enquanto isto, todos procurem aliviar a situação dos mais necessitados, prestando o máximo de ajuda ou de colaboração solidária nesta matéria. —

5 — Outra conseqüência angustiosa das dificuldades econômicas é a repercussão na forma de educação dos filhos. —

A escola pública é gratuita e tem obrigação de ministrar o ensino religioso dentro do horário escolar. —

É necessário que haja professores habilitados para este ensino, o que nem sempre acontece. —

Muitas vezes os pais não têm recursos nem para vestir seus filhos decentemente para irem à escola, e muitas vezes o deficit familiar é tão grande que os meninos nem podem terminar o curso primário porque necessitam trabalhar mesmo ilegalmente.

O que dizer então do curso ginásial ou profissional? Apenas uma pequena minoria o pode fazer e sem qualquer assistência religiosa durante o curso. Aí então só os “ricos” conseguem educar os filhos. É isso uma situação cristã democrática? Temos que influir para melhorar a situação também neste campo.

6 — É indispensável que todos os cristãos conheçam estes problemas. Não é procurando ignorá-los que eles se resolvem. Assim só se fazem agravar. Mas também não basta conhecê-los. É necessário atuar para que eles desapareçam.

Seria realmente lamentável que de vez em quando tivéssemos contacto com um desses problemas e depois nos esquecéssemos dêles.

O que é necessário é atuar. Por isso, cada um de nós, deve tomar o firme propósito de estudar o problema, de nos apossarmos dêle e de nos pormos a trabalhar para resolvê-lo.

Mas, cada um, deve assumir uma responsabilidade e cumprila até o fim.

Nosso esforço nesta matéria deve ser decidido, constante, incansável e invencível. Tracemos um objetivo concreto e não paremos até alcançá-lo.

Só assim êstes problemas poderão ser resolvidos. Mas não nos esqueçamos de que as soluções dependem da vontade e da perseverança de cada um de nós.



## SOLUÇÕES 15

- 1 — Façamos com que todos falem do que pensam destas reuniões. Se lhes foram úteis em sua vida familiar: educação dos filhos... depoimentos... em sua vida comunitária... depoimentos...

Para orientar a conversa tratemos de lembrar certos fatos contados durante as reuniões, e discutamo-los simplesmente.

- 2 — É evidente que não esgotamos as possibilidades dos temas tratados nestas reuniões. Seria preciso voltar a eles muitas vezes para daí tirar todo o proveito possível. Citemos, por exemplo, a educação, que foi vista em algumas reuniões; no entanto, para estudar a fundo seus princípios elementares e os meios de aplicá-los, levaríamos talvez três anos.

Peçamos a todos os casais, que estejam interessados em continuar, que adquiram conhecimento sobre os problemas de vida que aqui foram levantados.

- 3 — Os participantes já sabem o que é o M.F.C., por quem foram organizadas estas reuniões. Se não o sabem, apresentemo-lo. O M.F.C. organizou estas reuniões para prestar serviço a diversos e numerosos lares, que até então não tinham suficientes luzes sobre os problemas essenciais de sua vida conjugal, familiar e social. O M.F.C., que só existe para o bem das famílias, quis estender êstes benefícios a um maior número possível.

- 4 — O M.F.C. é um movimento que agrupa os lares que desejam “entre si, para si e por si mesmo” lutar por famílias mais cristãs e mais felizes. Quer também ajudá-los no ponto de vista comunitário e econômico! É “uma escola de vida cristã”, comunitária e familiar; um grande serviço de ajuda mútua familiar. Um corpo representativo para reivindicar junto às autoridades os interesses de tôdas as famílias.

É por isso que o M.F.C. não é uma Associação que visa somente fazer com que seus membros estudem. É, antes de tudo um movimento de ação. Seus membros são apóstolos. E aí está o que o distingue de um “clube de debates” ou de um “centro de estudos”.

- 5 — Os principais meios de ação do M.F.C. são:

- 1 — As reuniões, onde se aprende a *ver* o problema concreto das famílias; a *julgá-lo* segundo o Evangelho e o bom senso; e onde, militantes e dirigentes, encontram a solução mais

adequada para esse problema do momento, e decidem aplicá-la, isto é, *agir*.

2 — A influência natural de seus membros em seu meio: lar, trabalho, e horas livres.

3 — Iniciativas para *ajudar e educar* como conferências de PRÉ-CANÁ e de CANÁ, retiros para noivos e casados.

6 — Os casais têm necessidade do M.F.C.. Os casados em geral e, praticamente cada um dos lares, têm problemas que não se podem solucionar sem ajuda. Por exemplo, os que as reuniões nos apontaram. Para transformar o meio ambiente, para obter melhores condições sociais, para obter o respeito de nossos direitos como chefes de família, faz falta o apoio de um movimento sério e forte: o M.F.C..

7 — O M.F.C. necessita de nós para que nos ajude assim como a tôdas as famílias. Temos visto os múltiplos problemas do lar. Para algumas famílias temos encontrado soluções, quer sejam imediatas ou futuras, o que só a união de todos poderia realizar.

O M.F.C. tem necessidade de nós, para levar a cabo seu trabalho de recuperação moral e social da família. É necessário que êle seja uma *fôrça*; que tenha a *fôrça do número* e da *qualidade*.

8 — Há um dever de caridade para cada cristão de dar aos outros o que recebeu. Êste dever decorre do próprio Batismo. Todos os cristãos batizados são *membros do Cristo*. Como membros de um mesmo Corpo devemos ajudar-nos uns aos outros. Como batizados somos todos filhos de um mesmo Pai, que é Deus. Um irmão não pode ser indiferente à sorte de outro irmão. O sentimento profundo de *solidariedade* e de *fraternidade cristãs* deve levar-nos a nos unirmos e ajudarmo-nos mutuamente ainda mais.

As necessidades das famílias são mais numerosas e mais graves do que nunca. Os agentes do mal são numerosos, organizados e ativos. Os comunistas, por exemplo, são fortes por causa da debilidade do cristianismo. São um perigo para o mundo, na medida em que os cristãos estão *desunidos e inativos*.

Depois de termos considerado o que é o Movimento, cremos que nossos casais estarão prontos a dar sua adesão ao M.F.C.. Antes de tudo, precisamos torná-los simpatizantes. Expliquemos o que se espera deles. Os que estejam prontos para atuar, que o façam. Se o M.F.C. não existe em nossa Paróquia, tratemos de fazê-lo conhecido e amado.

## SOLUÇÕES 1

1 — Cada casal da equipe terá encontrado, sem dúvida, um ou vários casos, senão iguais, muito parecidos com este. Trata-se de dar a cada um a oportunidade de contar suas experiências.

Este fato, tomado em conjunto mas não em todos os seus pormenores, demonstra a situação existente em 75 a 80% dos lares bons. A experiência permite fazer esta afirmação.

2 — Trata-se aqui de ver, de analisar bem o fato e de observar e comentar em conjunto as queixas de Marina e de Paulo.

*Queixas de Marina* — Paulo raramente está em casa (embora não seja infiel). Não fala de seus negócios ou problemas com a espôsa; se bem que tenha um bom salário, que em parte guarda, não lhe dá dinheiro suficiente. Não se interessa o bastante pela espôsa e pelos filhos. Não tolera que ele lhe faça observações. Não quer mais filhos. Os três que possui já lhe dão muita dor de cabeça. Vive descontente com suas roupas, com a casa e com o marido.

*Queixas de Paulo* — Sua mulher lhe custa caro... Descuida do asseio da casa e do cuidado pessoal. Os meninos são malcriados. Acha-a muito exigente não gostando que ele saia muito de casa. Encontra-a quase sempre de mau-humor, descuidada e chorando por qualquer observação.

— JULGAR — a) MARINA parece exagerada em certas queixas. Muitas têm fundamentos mas outras são um tanto inúteis.

Dá muita importância à beleza da casa e de suas roupas.

Verdade é que se encontra sempre prêsa em casa e que os filhos lhe criam um problema, devido à pequenez da moradia. Entretanto, com melhor compreensão do seu papel de espôsa e de mãe e maior confiança na Providência, poderia ter mais alegrias na vida.

b) Ela tem razão de queixar-se. Paulo é realmente egoísta, não se interessa pelo lar, pelos filhos e sua espôsa para ele é sômente a dona da casa e um objeto de simples satisfação carnal.

c) Mas, em compensação, Marina também tem culpa. Devia ser mais cuidadosa consigo e com a casa; esforçar-se em melhor compreender o espôso e, vamos e venhamos, ver que o homem não pode ficar todos os dias em casa. Devia ser mais alegre e saber

entreter o marido com assuntos que o interessem e não falar só nos eternos problemas domésticos. Finalmente, é exagerada nas suas exigências materiais e sentimentais.

PAULO também tem culpa, e maior ainda porque, como chefe do lar, tem maior responsabilidade.

a) Deveria interessar-se mais pelo seu lar, permanecer mais em casa, ajudando a esposa a enfrentar as responsabilidades da educação dos filhos, compenetrar-se de que esse dever pertence tanto a ele quanto à esposa. Compreender que o matrimônio os uniu para que se ajudem mutuamente moral, espiritual e materialmente e não apenas para satisfazer seus caprichos e instintos.

b) Engana-se ao pretender não falar com ela sobre seus negócios e em gastar parte do salário, sem lhe dar nenhuma satisfação. Sem dúvida esta é uma das causas importantes do desgosto em que vive.

c) Entretanto, não possui tôda a culpa. Se Marina fôsse realmente uma esposa mais cumpridora dos deveres faria da vida familiar uma coisa mais atraente para Paulo e lhe facilitaria o esforço da mútua compreensão.

Enfim, uma séria preparação para o Matrimônio teria contribuído imensamente para prevenir esta situação. Amavam-se muito sentimental e fisicamente antes do matrimônio, mas não haviam estudado reciprocamente seus caracteres, qualidades e defeitos e o profundo e verdadeiro sentido cristão dêste Sacramento. Não haviam compreendido que seriam felizes se fizessem um esforço consciente para se melhorarem mutuamente, suportando-se cristãmente um ao outro.

Não resta a menor dúvida de que uma casinha mais agradável, mais cuidada, um ambiente mais familiar, uma preocupação maior de viver contentes com a condição e uma mentalidade mais econômica, teria suavizado, senão evitado por completo tal situação. É sabido que as condições materiais insuficientes trazem sempre consigo uma repercussão moral profunda no lar. Tensão nervosa, fadiga moral, conduzindo ao esgotamento, formam um clima familiar desfavorável que em nada ajuda a manter a calma e o contrôle de si mesmo, tão necessário para o bom entendimento e a educação dos filhos.

**PARA REMEDIAR** praticamente esta situação seria necessário:

a) colocar-se francamente, face a face, coração a coração e frente ao matrimônio como Sacramento, considerando suas exigências. Veriam assim o que está faltando de uma e de outra parte e em que condições poderiam voltar a encontrar a felicidade conjugal, prestes a abandoná-los.

b) Uma revisão dos problemas materiais lhes faria bem. Um dos mais graves é a falta de casa própria. Seria necessário providenciar a solução, procurando adquirir uma casinha para nela formarem o verdadeiro lar. Os outros problemas familiares parecem subordinados a este. Assim, o chefe de família, já possuidor de sua casa, torna-se mais interessado no seu trabalho e nos problemas sociais, torna-se mais equilibrado, econômico, mais esperto, não dando ouvidos a falsas doutrinas, tornando-se melhor pai, melhor esposo, melhor cidadão e melhor cristão.

c) E, finalmente seria ótimo se tomasse parte nos movimentos que contribuem para se educar neste sentido.

Explicar brevemente o que é o Movimento.



## SOLUÇÕES 2

- 1 — Vamos refletir bem a fim de verificar se, ao redor de nós, existem muitos que, infelizmente, pensam dessa maneira. Citemos e procuremos obter casos concretos.

Será que as pessoas que conhecemos e pensam assim são sinceras? Será que realmente não se têm mais amor? Está fora de dúvida que a maior parte se engana a respeito dos próprios sentimentos e confundem o amor com o entusiasmo dos primeiros tempos de casados. Entretanto, podemos afirmar que um grande número delas não se querem mais ou, melhor, nunca se amaram verdadeiramente.

- 2 — Está bem claro que isto não é normal. Visto que se quiseram muito a ponto de se casarem, a vida conjugal para eles, com o seu carregamento de alegrias e tristezas participadas, deveria cimentar ainda mais o amor dos esposos.

- 3 — Este estado de coisas é devido:

a) Para os que realmente deixaram de se amar, o fato é que nunca souberam amar de verdade. Sentiram-se inclinados um pelo outro por uma atração carnal. A paixão se acalma, muda de objeto e, pouco a pouco, vai se apagando. E se um deles não faz algo para reviver essa paixão, nada mais resta senão o amargor.

b) Outros, e são talvez os mais numerosos, ainda se amam bastante, mas não se dão conta disto, não sabem o que é o amor. Julgam havê-lo perdido, porque a rotina e a segurança lhes tirou o sabor de novidade e de conquista, anterior ao matrimônio. Em geral, tanto um quanto o outro esqueceu as atenções e as delicadezas que, se não são a essência do amor, são uma espécie de alimento indispensável ao seu florescimento.

A mulher não se preocupa mais em agradar ao marido, em se tornar sempre mais atraente. Ele, por sua vez, pensa ser suficiente não lhe ser infiel e prover ao sustento da família.

4 — a) O amor vem de Deus. Foi Êle quem o colocou no coração do homem. Deus criou o homem por amor e o faz participar do seu amor.

b) De modo geral, o amor é um impulso que leva todo ser para um bem que lhe é conveniente. O amor humano é uma atração colocada no coração do homem e da mulher que os impulsiona um para o outro e faz com que se completem, se reproduzam e se ajudem mutuamente a fim de que se convertam em um só, a ponto de se tornarem “uma só carne”.

O amor conjugal, segundo esta definição, é um enriquecimento do homem e da mulher. Por êle, ambos se completam num tríplice ponto de vista: físico, intelectual e moral. Fundam um lar, que os firma na vida e prepara para realizar uma grande missão: a de prolongar-se em seres que amam e que fazem parte dêles mesmos. Êste enriquecimento, porém, só é possível para quem compreende o amor e se submete às suas exigências.

O amor conjugal, ao mesmo tempo que enriquece, é também um contínuo dom de si. Essa fôrça e essa necessidade que impulsiona o homem para a mulher, e reciprocamente, não termina com a satisfação dos prazeres pessoais, possui um fim mais elevado, mais nobre: “o de completarem-se e ajudarem-se mutuamente”. Isto significa que o verdadeiro amor pensa sempre no bem da pessoa amada e se esforça por consegui-lo. Assim sendo, o amor conjugal exige contínua renúncia a seus gostos pessoais, a seus interesses, para satisfazer o seu amado e conseguir-lhe dentro da razão, tudo o que desejar.

c) Existem duas espécies de amor: O amor-paixão e o amor-sentimento.

O amor-paixão é a atração sofrida pela sensibilidade por um bem sensível (pessoa ou coisa). Exemplos: a mulher que ama suas jóias; o avarento, o seu dinheiro; o rapaz, os atrativos exteriores de uma moça.

O amor-sentimento é a atração sofrida pela vontade por um bem razoável. Exemplos: O amor dos pais; o amor de um amigo; o amor consciente de um rapaz por uma moça. Ainda que forte, o amor-sentimento não é violento como o amor-paixão.

Por sermos compostos de corpo e alma, a nossa maneira de amar é quase sempre uma mistura de sentimentos e paixões. Sobretudo o amor conjugal, que une duas pessoas na mais

íntima união de alma, de coração e de corpo. É isto que caracteriza êste amor: à união das almas e dos corações vem juntar-se a união dos corpos.

O amor conjugal cristão é o único que pode durar e compõe-se de três elementos:

1 — O AMOR SOBRENATURAL, que leva o homem e a mulher a amar a Deus e a se santificar. Seu amor os conduzirá a ajudar-se mutuamente e a se aperfeiçoar juntos.

2 — O AMOR ESPIRITUAL, ou a união dos corações, que levará os espôsos a, em maior harmonia, fundirem suas almas e seus corações. Tudo porão em comum: talentos, inteligência e qualidades, a fim de mutuamente se completarem e se enriquecerem. E será êste amor que os ajudará a corrigir seus defeitos e a compartilhar as alegrias e as tristezas da vida.

3 — O AMOR FÍSICO, em harmonia com o amor espiritual e o amor sobrenatural, levará os esposos a conhecerem as sãs e elevadas alegrias, tão diferentes dos prazeres conhecidos fora do casamento. Êste amor físico é um meio dado pela Providência para que os esposos possam multiplicar a vida e estar a serviço do amor, dos corações e das almas para mantê-los e intensificá-los.

Tendo visto o que é o amor e, principalmente, o amor conjugal, podemos melhor compreender porque não existe mais amor em certos lares... porque muitos outros não o apreciam depois de passados alguns anos.

5 — Em si mesmo, o amor é um benefício. Pode-se dizer que, depois da existência, foi o maior bem que Deus concedeu ao homem. Onde reina o amor verdadeiro, existe felicidade, não importa quais sejam as dificuldades da vida. E, quando o amor se afasta dos corações, reinará a tristeza e, bem se pode dizer, a morte.

Se êstes são os benefícios de todo amor legítimo, o que não se poderá dizer do amor conjugal cristão. o mais natural, o mais completo e, ao mesmo tempo, o mais perfeito de todos os amores humanos?

Entre os principais benefícios do amor conjugal, vejamos os seguintes:

a) Em primeiro lugar, foi um ser humano que nos escolheu entre muitos outros; que em nós confiou; que a nós consagrou sua vida, seu corpo e sua alma.

b) A FIDELIDADE é o dom e a garantia do amor.

c) A COMPREENSÃO é o apoio mútuo em tôdas as circunstâncias: alegrias compartilhadas; tristezas amenizadas, etc.

d) É a felicidade de CONTINUAR-SE nos filhos: uma felicidade que poucas vêzes se expressa, mas que é uma das mais profundas.

e) Um lar, onde se está "em casa", onde se é esperado, onde se representa a Providência.

f) A família é a base da sociedade e de tôda a felicidade humana.

g) É o florescimento mais humano e mais necessário da personalidade.

6 — E, para conservar e intensificar cada vez mais o amor conjugal, é necessário compreender sua GRANDEZA e seus BENEFÍCIOS; seu sentimento verdadeiro e seu papel em nossa vida. É necessário, também, saber vivê-lo em todos seus pormenores. Veremos todos êstes pontos nas reuniões seguintes, especialmente, nas que tratam da compreensão e do papel dos esposos e do Sacramento do Matrimônio.



### SOLUÇÕES 3

- 1 — Levemos o grupo a fazer um inquérito. Levantemos novas perguntas; peçamos exemplos a fim de ver a realidade, tal qual é. Exploreemos o problema sôbre todos os aspectos: no caso da mulher que tudo dirige; no caso do homem.
- 2 — Um lar se constrói “com dois”. Deus quis que a inteligência e o coração de cada um dos esposos estivessem a serviço do outro para a boa direção do lar. No caso de Lúcia, é evidente que as conseqüências são graves, em primeiro lugar para o marido.

#### CONSEQUÊNCIAS PARA O MARIDO

a) Perde sua personalidade de homem e de chefe do lar; converte-se numa nulidade, e, mesmo que não se dê conta, sua vida se ressentirá. Se observarmos êstes indivíduos no trabalho, veremos que são dependentes e incompetentes, ou, pelo contrário, ditadores, se por casualidade, ocupam postos de importância.

b) É escravo de sua mulher, e por conseguinte perde até as alegrias e satisfações legítimas, que deve desfrutar todo homem verdadeiramente homem.

c) Falta ao seu dever porque não cumpre com seu papel de chefe da família.

d) Perde, pouco a pouco e tanto mais depressa quanto mais dura fôr a vida, o amor e a consideração de sua mulher, porque a espôsa, seja qual fôr, busca em seu marido um guia, um apoio, e não um servente, uma “coisa”.

e) Procurará atrativos exteriores, ou, em casos mais graves, a separação.

## CONSEQUÊNCIAS PARA A MULHER

a) A mulher, que tem um marido assim cria uma mentalidade que não é de mulher, e sua feminilidade (seu maior atrativo), se apaga tanto mais, quanto mais exigente e autoritária ela fôr. De mulher, não terá, em breve, mais do que os defeitos.

b) Tendo rebaixado seu marido à condição de “empregada para todo o serviço”, não encontrará mais nêlo o apoio de que tem necessidade. Sua responsabilidade tornando-se demasiado pesada para seus ombros de mulher, lhe trará enervamento, cansaço, decepção, e ódio mesmo, de seu marido. Por fim será ela quem mais sofrerá as consequências desta situação.

c) Também ela buscará atrativos exteriores ou a separação.

## CONSEQUÊNCIAS PARA OS FILHOS

Necessitam os filhos da ternura de sua mãe; necessitam também, e isto é querido pela Providência, do amor viril e da autoridade firme de seu pai, que êle seja o chefe de família, o representante de Deus. Será difícil encontrar tudo isto em Henrique, que ocupa o lugar de sua mulher.

A educação dessas crianças será necessariamente incompleta, e tanto mais porque sua mãe não compreende seu verdadeiro papel de mulher. Em consequência, as crianças assim educadas, consideram menos a seu pai, ou à sua mãe, senão aos dois.

## CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE

Sob o ponto de vista social êste lar é incompleto, e, ainda que não o pareça exteriormente não será de grande valor. Primeiro, porque êste lar não serve de modelo nem de ajuda para os outros lares, e depois, porque um homem, especialmente um chefe de família, tem um papel a desempenhar fora do lar, no domínio do trabalho econômico, social, religioso e político.

3 — Lúcia não tem motivo para estar orgulhosa de seu marido. Se refletisse um pouco, evitaria mesmo de anunciar a todos a sua maneira de proceder. Henrique não tem mais do que o título de marido. Não é mais do que um homem que paga o aluguel e cuida das crianças. Parece-nos, pela conversa das duas mulheres, que Lúcia faria melhor em seguir o exemplo de Helena, que tem um lar ideal.

As reflexões de Helena mostram que o casal se entende e que os dois sabem completar-se, respeitando cada um o seu papel no lar.

4 — Lúcia tem ainda menos razão de estar satisfeita consigo. Não tem idéia do que seja um verdadeiro lar. Não sabe da felicidade que poderia ter, apoiando-se em seu marido, em lugar de reduzi-lo a um escravo. Não ama seu marido, mas a si mesma. Em lugar de ajudá-lo a ser um homem, trabalhou para arruinar a sua personalidade, e parece tê-lo conseguido.

Isto não durará e a reação será talvez terrível.

5 — Para ser um marido ideal, Henrique deveria começar por compreender o papel providencial de um homem num lar: um chefe, uma providência, um piloto que guia. O que não quer dizer um ditador, que impõe sua vontade a qualquer preço, sem consultar a opinião da espôsa. O lar precisa de um chefe, como tôda a sociedade organizada. Na família êste papel corresponde ao marido. Êle o exercerá, não despôticamente, mas de acôrdo com sua mulher e companheira, em tudo igual a êle, e que deve ser sempre a primeira consultada. O marido deve ser um companheiro, um conselheiro, um apoio à sua espôsa na direção do lar e na educação dos filhos. Além do mais, deveria compreender o papel de um chefe de família na sociedade. Em suma, deveria exercitar-se e procurar todos os meios para bem preencher o seu papel. Lúcia, para ser uma mulher ideal, deveria começar por compreender o papel da mulher no lar, a companheira e a ajuda do marido, a rainha do lar, a mãe e a educadora dos filhos. Ela também precisaria desejar ser tudo isto, lançando mão dos meios que o matrimônio põe à sua disposição.



## SOLUÇÕES 4

1. A resposta da mãe tem uma parte certa e uma parte errada:

a) *Certo*: O homem tem seu modo próprio de ver e querer. Diferente de sua mulher por sua constituição física e pelo papel que tem de desempenhar, não pode ter o mesmo caráter que a mulher. A mulher não deve julgar nunca o seu marido unicamente pelos próprios sentimentos e reações.

b) *Errado*: A sua resposta esconde despeito e desilusão. No conceito certo a felicidade no casamento, não é uma questão de "conformar-se com sua sorte". Não se deve tomar como regra de conduta aceitar os defeitos, sejam quais forem, como uma situação normal, a que o outro tem de se conformar de boa ou má vontade. A resposta da mãe parece não admitir a possibilidade de melhora no homem, e portanto de verdadeira compreensão; o que é falso.

2. Paulo com certeza ama sua mulher: é um bom marido, fiel e toma a peito prover as necessidades do lar. Ao contrário, não parece que a faz passar necessidades.

3. Paulo tem suas falhas:

I — Não compreende a psicologia feminina, nem particularmente a de sua mulher.

a) *Do ponto de vista do coração*: A mulher é sensível, afetuosa; sua necessidade de afeto não é suficientemente satisfeita por um homem do tipo geralmente chamado "que cumpre o seu dever". Ela necessita mais: atenções, pequenos cuidados, amabilidades e delicadezas da parte do homem. A mulher tem necessidade de ouvir, sob diferentes formas, que é amada e que sua dedicação é apreciada.

Tem necessidade de apoio, de alento, de ver reafirmado seu amor porque se inquieta facilmente, sobretudo no que diz respeito aos sentimentos do seu marido. Isto é o que acontece com Regina.

b) *Do ponto de vista da inteligência*: Não tem os mesmos matizes espirituais que o homem. Também o marido aborrece sua mulher se só lhe fala de seus planos, seus projetos, suas grandes

idéias. O marido deve falar de tôdas essas coisas à mulher mas adaptando-as ao seu modo de ver mental, menos raciocinativo e mais concreto, evitando aborrecê-la. Que saiba também entretê-la com coisa que mais a interessam. — Antes de tudo que ela saiba *escutar* com interêsse. —

II — *Há egoísmo e orgulho em Paulo* — As vêzes é sòmente a incompreensão da psicologia feminina que impede ao homem agradecer sua mulher e satisfazer suas exigências. — Muitas vêzes é o orgulho e o egoísmo que o impedem de ser carinhoso e amável com sua mulher. Sabe bem que tal atenção e tal atitude daria prazer a ela mas não quer fazer o menor sacrifício ou o menor ato de humildade necessário a êste fim. — Cheio de si mesmo se cré um pequeno deus a quem tudo é devido e diante de quem todos devem dobrar o joelho. —

4. Regina tem razão de queixar-se. — Em sua psicologia feminina esta série de omissões e desatenções tornam sua vida penosa e fazem-na duvidar do amor de seu marido. — No tempo do noivado, de fato, e no primeiro mês do casamento, o marido se preocupava em ser atento a todos os detalhes, amável, etc. — Sem dúvida, sob o efeito da sua crise, ela acentua demasiadamente os traços do quadro que pinta. —

5. Se Regina tem razão de queixar-se isto não quer dizer que ela não tenha também seus êrros; de fato:

I — Não compreende a psicologia masculina, nem especialmente a do seu marido. —

a) *Do ponto de vista do coração*: O homem mais amoroso jamais mostraria seu amor como desejaria e como poderia fazer uma mulher. — Para êle o que vale são as grandes provas de amor: o sustento da casa e da mulher, a fidelidade, etc. — Não acha necessário fazer mais. — A mulher deve compreender que no plano sentimental ela terá sempre certos desejos que não poderão ser satisfeitos. — Cabe a ela dominar-se e fazer o sacrifício sem chorar falta de amor do homem, fazendo-se de vítima. — É a mesma coisa do lado do homem. —

b) *Inteligência*: Deveria estar contente de que seu marido tenha idéias, planos, projetos, que goste de discutir com amigos e instruir-se. — Em lugar de queixar-se, deveria interessar-se por todos êstes assuntos a fim de ajudá-lo e animá-lo. — Deveria gostar que receba ou encontre os amigos em certas ocasiões para lhes falar de homem para homem. —

II — A ela também, o egoísmo, o orgulho e a vaidade impedem de compreender seu marido, de se dominar e de dar o primeiro passo. — As exigências sentimentais exageradas são uma manifestação de egoísmo feminino. —

6. É possível devolver a felicidade neste lar com a condição de que cada espôso faça sua parte, isto é:

a) Cada um se dedique a estudar e compreender a psicologia do outro sexo em geral. —

b) Estudar o caráter particular de seu cônjuge. —

c) Estudando um ao outro, admitir que cada um pode ter defeitos. — Raramente caem todos os defeitos somente sobre um dos cônjuges, quando a coisa vai mal em um casal. —

d) *Querer se compreender* mutuamente, isto é, admitir de forma concreta que uma mulher não é um homem e vice-versa, e não julgar mal o outro segundo suas próprias reações ou sentimentos pessoais. —

e) *Querer se completar*. — O homem e a mulher devem fazer com que o homem permaneça homem e a mulher sempre mulher, a fim de permitir o florescimento da personalidade de cada um. —

Vimos na reunião passada o que sucede quando um ou outro é demasiado exigente ou quando, pelo contrário, um ou outro cônjuge aceita tudo. —

*Em resumo:*

Cada cônjuge deve ter a preocupação constante de “agradar” e de “fazer-se agradável”, isto é, estar atento e interessar-se pelos esforços que faz o outro e de ser amável. — Não temer manifestar seu amor, e dar sempre relêvo às qualidades e às atitudes certas. —

A mulher terá a ambição de se fazer atraente, alegre, amável e de estar sempre bem arrumada. — O homem, por seu lado se preocupará em provocar a admiração e as amabilidades de sua companheira. —

De uma parte e da outra se cuidará de acolher de u'a maneira amável as ponderações e as atenções. — Mostrar que se é sensível a isto; não tomar atitudes de indiferença que ocultam os verdadeiros sentimentos e afastam os esposos. —

Tudo isto, evidentemente, se faz à base de sacrifícios, mais ou menos pesados, conforme as pessoas, mas que o amor alivia e que na realidade não são nada diante de uma vida conjugal enriquecida e elevada pela compreensão e pelo amor mútuos. —